10 ANOS

MAISGUIMARAES
A REVISTA DA CIDADE BERÇO

N117 MENSAL: JANEIRO 2023
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DIRETOR ELISEU SAMPAIO

TRÁFICO HUMANO O CRIME PÚBLICO AINDA NÃO ERRADICADO
2023 SAÚDE, ECONOMIA, EDUCAÇÃO, CULTURA, DESPORTO
ZUL UMA BANDA QUE É "UMA MISTURA DE MUITA COISA"

GUIMARÃES NÃO PÁRA

10 ANOS CIDADE EUROPEIA DO DESPORTO

N117 | JANEIRO 2023

COM SINAL MAIS NESTA EDIÇÃO

TODOS OS MESES A MAIS GUIMARÃES LEVA ATÉ SI O QUE DE MAIS IMPORTANTE ACONTECE NA CIDADE BERÇO E NO CONCELHO!

COMBATE AO TRÁFICO HUMANO

EXPECTATIVAS PARA 2023

ZUL EM ENTREVISTA

RECORDA AS MAIS OUVIDAS DE 2022

UCRANIANOS EM GUIMARÃES VIVEM NATAL

NELSON FELGUEIRAS PROJETA O FUTURO DO DESPORTO

ECONOMIA DESPORTIVA

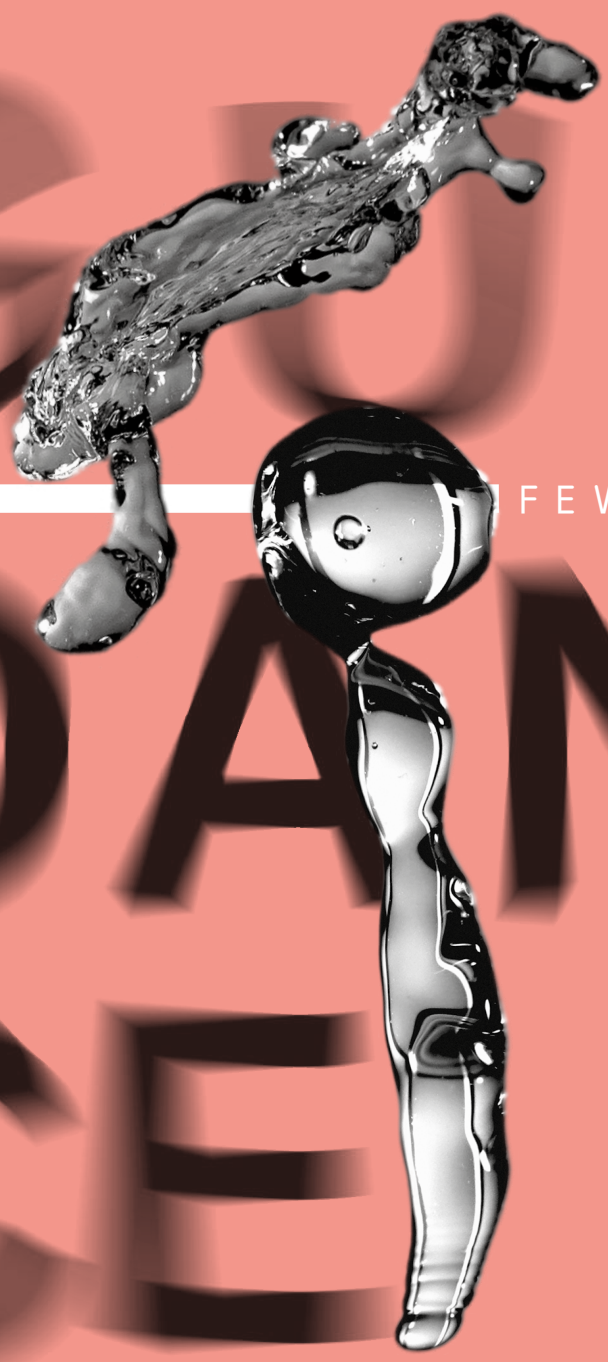
2023

12ª EDIÇÃO

PUB

GUI DANCE

02 — 11 FEVEREIRO



FESTIVAL INTERNACIONAL DE DANÇA CONTEMPORÂNEA

QUI 2 FEV, 21H30 • CCVF
BAqUE
Coprodução
Gaya de Medeiros

SEX 3 FEV, 21H30 • TEATRO JORDÃO
Blasons + Doesdicon
François Chaignaud (FR) + Tânia Carvalho c/ Dançando com a Diferença
Companhia em destaque

SÁB 4 FEV, 18H30 • CIAJG
Some Choreographies
Jacopo Jenna (IT)
Estreia Nacional

SÁB 4 FEV, 21H30 • CCVF
Gran Bolero
Estreia Nacional
Jesús Rubio Gamo (ES)

SÁB 4 FEV, 23H30 • CCVF
Silent Disco
Alfredo Martins

QUA 8 FEV, 21H30 • CCVF
Carcaça
Marco da Silva Ferreira

QUI 9 FEV, 21H30 • TEATRO JORDÃO
Beautiful People
Rui Horta c/ Dançando com a Diferença
Companhia em destaque

SEX 10 FEV, 21H30 • CCVF
Soirée d'études
Cassiel Gaube (BE)
Estreia Nacional

SÁB 11 FEV, 18H30 • CIAJG
O Elefante no Meio da Sala
Vânia Doutel Vaz
Coprodução

SÁB 11 FEV, 21H30 • CCVF
Jungle Book reimagined
Estreia Nacional
Akram Khan Company (UK)

ASSINATURAS

2 ESPETÁCULOS À ESCOLHA
20% DESCONTO

3 ESPETÁCULOS À ESCOLHA
30% DESCONTO

4 ESPETÁCULOS À ESCOLHA
40% DESCONTO

À VENDA EM OFICINA.BOL.PT

CLIQUE AQUI

CONSULTE O PROGRAMA COMPLETO ATRAVÉS DESTE QRCODE

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

CIAJG centro internacional das artes josé de guimarães

TEATRO JORDÃO

Organização: oficina
Financiamento: Município de Guimarães
Cofinanciamento: República Portuguesa Cultura; dgARTES Direcção-Geral das Artes
Apoio à Produção: CIN; Caetano Auto
Outros Apoios: Hotel Fundador; Hotel de Guimarães Business & Spa; Stay Hotels Just what you need

WWW.AOFICINA.PT

EDITORIAL

DIRETOR DO GRUPO MAIS GUIMARÃES
ELISEU SAMPAIO

10 ANOS A DAR UM SINAL + A GUIMARÃES

2023 será, para nós, um ano de celebração.

O grupo Mais Guimarães comemora 10 anos ao serviço do desenvolvimento de Guimarães, promovendo a informação dos vimaranenses.

Creio que temos motivos para estarmos satisfeitos pelo trabalho desenvolvido ao longo desta década e que nos permitiu alcançar um lugar de destaque entre a comunicação social vimaranense, e a comunicação social regional.

Esta posição, que não é fruto do acaso, resulta da muita dedicação e de trabalho árduo de todos aqueles que colaboraram e/ou colaboram com este grupo de comunicação. A todos, muito obrigado! E resultam também no nosso foco ser, desde sempre, o de dar ao nosso leitor informação com rigor, com independência e pluralidade. Esse foi e será sempre o nosso propósito.

Num período de forte transformação de hábitos de consumo, também de informação, da proliferação das fake news, em que muito contribuiu a massificação das redes sociais, sentimos que o nosso trabalho diário ganhou ainda maior importância.

Somos a ponte entre o acontecimento e o público, o leitor, e é fundamental que nos mantenhamos assim, atentos e interventivos, questionando e procurando saber, para informar.

Assumimos diariamente essa responsabilidade e vamos continuar este nosso caminho, sentindo-nos apoiados por todos aqueles que confiam no nosso trabalho, e que não vamos desiludir.

10 anos não é muito tempo, é algum. Sentimos que estamos apenas no princípio.

Obrigado a todos os que nos apoiam: colaboradores, amigos, anunciantes e parceiros.

Mais Guimarães – A Revista é um órgão de comunicação independente e plural ao serviço de Guimarães e de todos os Vimaranenses.

Estas são as linhas que a definem:

01 A Revista "Mais Guimarães" é um órgão de comunicação regional, gratuito, generalista, independente e pluralista, que privilegia as questões ligadas ao concelho de Guimarães.

02 A Revista "Mais Guimarães", é uma publicação independente, sem qualquer dependência de natureza política, económica ou ideológica.

03 A Revista "Mais Guimarães" é um órgão de informação que recusa o sensacionalismo e é orientado por critérios de rigor, isenção e honestidade no tratamento das notícias.

04 A Revista "Mais Guimarães" compromete-se a respeitar os direitos e deveres previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalistas.

05 A Revista "Mais Guimarães" aposta numa informação diversificada de âmbito local, abrangendo os mais variados campos de atividade e pretende corresponder às motivações e interesses de um público plural que se quer o mais envolvido possível no projeto editorial.

06 A Revista "Mais Guimarães" distingue claramente as notícias – que deverão ser objetivas, circunscrevendo-se à narração, à relacionação e à análise dos factos para cujo apuramento devem ser ouvidas as diversas partes – e as opiniões, ou crónicas, que deverão ser assinadas por quem as defende, claramente identificáveis.

07 A Revista "Mais Guimarães" compromete-se a respeitar a privacidade dos cidadãos, recusando a divulgação de factos da vida pessoal e familiar.

08 A Revista "Mais Guimarães" considera a sua atividade como um serviço de interesse público, com respeito total pelos seus leitores, em prol do desenvolvimento da identidade e da cultura local e regional, da promoção do progresso económico, social e cultural.

FICHA TÉCNICA

Mais Guimarães A Revista da Cidade Berço
Publicação Periódica Regional, Mensal
Tiragem
5.000 Exemplares
Proprietário
Eliseu Sampaio Publicidade, Unipessoal Lda.
NIPC 509 699 138
Sede e Sede da Redação Av. de São Gonçalo, n.º 319, 1.º Piso, Sala C, Oliveira, São Paio e São Sebastião
4810- 525 Guimarães
Telefone 917 953 912
Email administracao@maisguimaraes.pt
Diretor e Editor
Eliseu de Jesus Neto Sampaio
Travessa Monte da Carreira Nº 490
4805-284 Ponte Guimarães

Registado na Entidade Reguladora Para a Comunicação Social, sob o nº. 126 352
ISSN 2182/9276 **Depósito Legal nº.** 358 810/13
Administração: Eliseu de Jesus Neto Sampaio, detentor de 100% do capital da empresa.
Design Gráfico e Paginação
Cláudia Crespo e Juliana Machado - Mais Guimarães

Impressão e Acabamento
Gráfica Nascente, Artes Gráficas Lda.
Travessa Comendador Aberto M. Sousa
Lote 15, Zona Industrial - Vila Nova de Sande
4805-668 Guimarães

Fotografia de Capa
Cláudia Crespo

COMO PUBLICITAR

Contacte-nos e conheça as nossas campanhas de publicidade.
Telefone 253 537 250 Telemóvel 917 953 912
Email geral@maisguimaraes.pt
www.maisguimaraes.pt

Av. S. Gonçalo 319, 1º Piso, Salas C
4810-525 Guimarães

/MAISGUIMARAES

PUB

BATERIAS

MECÂNICA GERAL

MATERIAL ELÉTRICO

CHAPARIA

ACESSÓRIOS

CASA DAS BATERIAS
PEÇAS E ACESSÓRIOS AUTOMÓVEL

Rua Nossa Senhora da Ajuda
(EN105), 101, Moreira de Cónegos
4815-368 Guimarães

Tlf: 253 521 315
info@casadasbaterias.com

CLIQUE AQUI

WWW.CASADASBATERIAS.COM

UCRANIANOS VIVEM O NATAL EM GUIMARÃES, NA "SEGUNDA PÁTRIA"

TEXTO: ELISEU SAMPAIO • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

ELISEU SAMPAIO

Entre elogios à amabilidade e generosidade dos vimaranenses que "abriram as portas das suas casas e corações, e criaram um novo lar para nós aqui", a comunidade ucraniana em Guimarães fala de uma adaptação a Portugal, ao clima e às pessoas que tem "corrido muito bem".

São atualmente cerca de duas centenas de pessoas, sobretudo mulheres e crianças, que, em Guimarães, encontraram a paz que procuravam, após a invasão russa à Ucrânia a 24 de fevereiro de 2022.

Este foi o primeiro natal longe de casa, num país com uma língua e cultura diferentes. A 24 de dezembro, na Ceia de Natal, houve bacalhau, polvo, vinho verde, vinho do Porto, bolo-rei e pão-de-ló. Mas houve, sobretudo, partilha.

COM O CORAÇÃO NAS MÃOS, ESPERANDO NOTÍCIAS DA FAMÍLIA QUE FICOU A QUATRO MIL QUILÓMETROS, A COMUNIDADE UCRANIANA VIVEU AQUI O SEU PRIMEIRO NATAL.

Yana, com 30 anos, professora de inglês e residente em Guimarães há quatro meses, foi apanhada de surpresa pelo despoletar da guerra quando estava de férias com o namorado na Índia.

Neste Natal, mantendo a tradição, preparou "kutya", um tradicional prato ucraniano que é "a primeira coisa no início do jantar de natal que se deve comer". Seguindo a receita da mãe, que ficou na Ucrânia, cozinhou também "varenyky", presente em todas as celebrações de família.

Apesar da chamada com a família na noite de Natal, a dor, pela morte recente do marido da irmã na "luta pela liberdade da Ucrânia", numa guerra que também já tirou a vida de "muitos amigos da escola, da universidade e conhecidos", não permite grandes celebrações a Yana, que vive em "constante preocupação com seus entes queridos, sendo difícil permanecer como pensamento positivo".

"ESTE ANO FICÁMOS A CONHECER AS TRADIÇÕES NATALÍCIAS PORTUGUESAS, E NO PRÓXIMO ANO CELEBRAREMOS EM PLENO E A VITÓRIA DA UCRÂNIA."

Yana, 30 anos

Na maioria dos casos, sentaram-se à mesa na Ceia de Natal portugueses e ucranianos, famílias que agora se unem pela compaixão e solidariedade. Com a aproximação ao ocidente dos últimos anos, a maioria dos ucranianos celebrou, a 25 de dezembro, mas também houve quem mantivesse a tradição do Natal ortodoxo, comemorado a 06 de janeiro.

Alexandra, de 35 anos, que vive com as duas filhas menores em Ponte, diz-se "apaixonada por Guimarães", uma cidade que os "recebeu de coração aberto e impressionou com sua sinceridade". No dia 24 de dezembro celebrou o Natal à mesa com uma família portuguesa, que lhes mostrou as tradições natalícias, e as brindou com os pratos tradicionais de bacalhau e "criaram um clima feliz". Alexandra deu a conhecer também um pouco das tradições ucranianas preparando a "kutya" de Natal e saladas.

Conta que, na Ucrânia, toda a família também se reúne à mesa, "preparando 12 pratos quaresmais, e as crianças cantam canções de natal sobre o nascimento de Cristo".

"Guimarães é uma cidade incrível, parece a minha Poltava", conta Tetiana Lehka, que chegou a Guimarães em março. Veio sozinha para Guimarães e aqui encontrou novos amigos. Descreve o seu Natal como "aconchegante", passado em casa. À mesa, houve "os pratos de sempre", com carne, puré de batata, saladas e salgadinhos.

Lyudmila tem 72 anos, vivia em Kyev, e tem seis netos. Chegou a Guimarães a convite da Guimagym, a Academia de Ginástica vimaranense. Uma das netas é ginasta e integra a seleção ucraniana. Lyudmila desdobra-se em elogios a Guimarães, a cidade que os acolheu, valorizando o "grande número de monumentos históricos", o ser "antiga, verde, com belas ruas e catedrais". Em Guimarães encontraram habitação, jardim de infância e escola para as crianças e também ajuda com alimentação, roupa, calçado, livros escolares e até computadores.

JOANA MENESES

"Quando chegar o dia, a guerra vai acabar", e a família de Lyudmila sonha regressar à terra natal. Mas não todos, Sofia, a ginasta, vai continuar a treinar e a estudar em Portugal, a "segunda pátria".

Alexandra, de 31 anos, veio encontrar também a paz em Portugal com as suas duas filhas e a mãe. A empresa onde trabalha a mãe deslocalizou a produção para Guimarães, instalando-se em Mesão Frio. Por isso, Guimarães, este "lugar incrível", integrou a sua vida.

A cidade-berço, uma "cidade de tradições, uma cidade de celebração", já se tornou parte do seu coração. "Ou melhor, as pessoas à minha volta criam condições favoráveis para isso", conta à Mais Guimarães.

O Natal da família de Alexandra foi vivido com a família que lhes ofereceu alojamento e que os brindou com o tradicional bacalhau com batatas, e outros petiscos. No dia seguinte houve "vários tipos de carne, arroz e bolo de Natal", conta.

Para a ucraniana, a cozinha portuguesa é "radicalmente diferente, mas também muito saborosa." Mas à mesa houve também saladas tradicionais ucranianas e doces.

Num dos momentos mais aguardados, à meia noite, as crianças esperaram pelo Pai Natal e receberam os presentes.

ENTRE A COMUNIDADE UCRANIANA VIVE A ESPERANÇA DE QUE A GUERRA, E O SOFRIMENTO DO POVO UCRANIANO, TERMINE O MAIS RAPIDAMENTE POSSÍVEL.

PUB

Equipa número 1 de Guimarães!

Equipa
Emanuel Varela

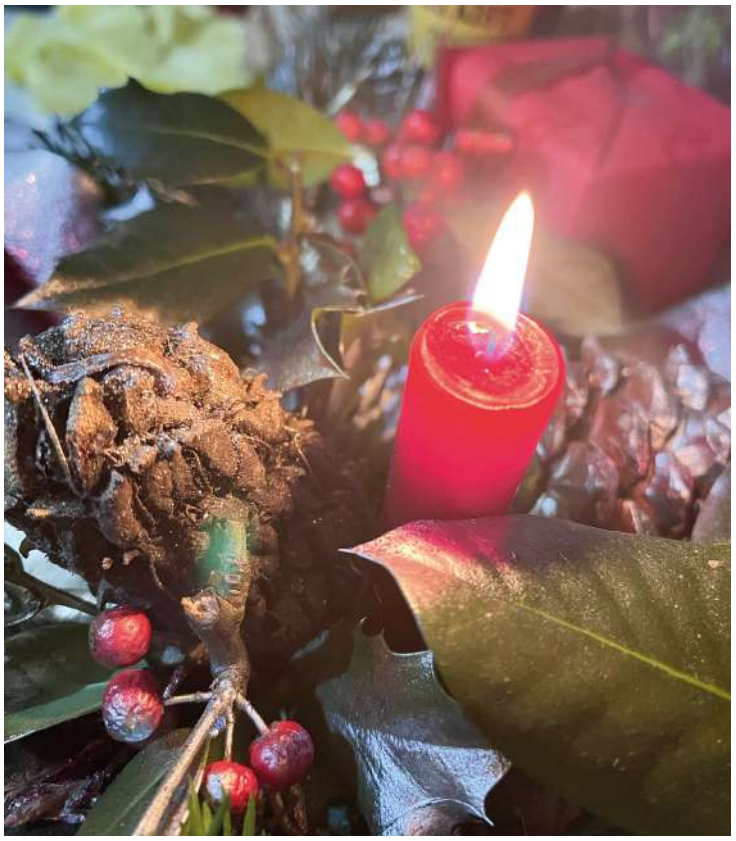
963 690 009
emanuel.varela@remax.pt

EV EQUIPA

GO

"O NOSSO PRINCIPAL DESEJO NESTE NATAL É PAZ NA UCRÂNIA PORQUE AMAMOS O NOSSO PAÍS."

Olena Besedina, 40 anos



Olena Besedina, de 40 anos, contou com uma "visita especial". O filho mais velho, estudante na universidade em Vilnius, capital da Lituânia, veio passar o Natal com a família. Está em Guimarães com o filho mais novo, que é já guarda-redes nas equipas de formação do Amigos de Urgeses, e com os pais.

O Natal foi celebrado apreciando também a gastronomia tradicional ucraniana, as saladas e o pato com maçã.

Há quem espere regressar "o mais rápido possível" para junto da família que ficou a milhares de quilómetros.

Há quem, nesta incerteza, não saiba bem "o que pensar do futuro". Outros, que já "tão apaixonados" pela cidade, pensam em ficar e reconstruir as suas vidas aqui: vidas novas e aqui viverem, no futuro, outros Natais - mais felizes que este.

Now Playing

ENTRE MURALHAS #17

PLAYLIST

1. Abre o Spotify
2. Faz o scan do Spotify code
3. Recorda as mais ouvidas de 2022

@MAISGUIMARAES

Parceria

PROMOÇÕES À VISTA. FIQUE ATENTO AOS SALDOS DE INVERNO

© DIREITOS RESERVADOS

As campanhas de marketing que visam incentivar o consumo começam mesmo antes do advento, como é o caso da *Black Friday* e da *ciber Monday*.

A *Black Friday* tem lugar no dia seguinte à quarta quinta-feira de novembro inaugurando assim a época das compras natalícias. Nesta campanha, apresentada como uma oportunidade única de comprar certos bens a preços muito reduzidos é uma receita de sucesso para os comerciantes, mas nem sempre um bom negócio para os consumidores.

Não é escolhido este dia por acaso, ele coincide com a época do pagamento do vencimento de novembro a qual geralmente se soma o subsídio de Natal.

Não se deixe levar pelo impulso de comprar, acompanhe com alguma antecedência a evolução dos preços e faça uma escolha ponderada entre aquilo que de facto precisa para as suas necessidades.

Se já está alerta para o que são estas promoções pré-natalícias e não comprou nada do que pretendia porque conclui que não era um bom negócio para si ou porque aquele não era o melhor momento para gastar, pisque agora o olho aos saldos de inverno.

Os saldos de inverno começam geralmente no dia a seguir ao Natal, claro que a data também não é escolhida ao acaso. Nesta altura o consumidor ainda tem alguma disponibilidade financeira, alguma até reforçada por algumas prendas em dinheiro que possam ter recebido.

É tempo de os lojistas prepararem novas coleções daí a redução dos preços ser muito atrativa. A lógica é vender o máximo de produtos que consigam para fazer entrar a nova coleção e isto é válido para qualquer tido de produtos, desde roupa e eletrodomésticos.

Os saldos podem ser uma boa ferramenta de gestão para as suas compras, como por exemplo para as compras de roupa de criança para o próximo ano a preços mais em conta. No entanto devem uma vez mais fazer o exercício de facto necessita de fazer aquela compra. Se sim, então aproveite se o preço for de acordo com a sua carteira. Mas se não precisar não ceda ao impulso de comprar só porque estava mais barato. Poupar dinheiro é tão satisfatório como gastar!

Informe-se connosco! A DECO – Delegação Regional do Minho, sita na Avenida Batalhão Caçadores 9, Viana do Castelo encontra-se disponível podendo contactar-nos através do 258 821 083 ou por e-mail para deco.minho@deco.pt. Visite o nosso site www.deco.pt

DECO PROTESTE
DEFESA DO CONSUMIDOR

Inadiáveis Leituras

"TENHO FOME DE LAREIRA"

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

Sílvia Lemos
Rimas & Tabuadas

Inicio o novo ano com um laço à volta da obra de Ferreira de Castro.

Descobri Ferreira de Castro bastante tarde nesta minha vida de leitora. Em conversas com vários amigos leitores da minha geração, vejo que quase ninguém o leu. Não sei muito bem como fazer isto, mas gostaria de contribuir para o resgate da leitura de um escritor que, na verdade, já ocupa o seu lugar entre os melhores. Foi traduzido em várias línguas, viu o seu trabalho reconhecido em vida, foi proposto para Prémio Nobel por duas vezes e elogiado por escritores como Albert Camus, Agustina Bessa – Luís, Jorge Amado, José Saramago, Stefan Zweig, Vitorino Nemésio, entre muitos outros.

Quando estava noutras leituras, li nas cartas entre Jorge Amado e José Saramago referências muito elogiosas ao escritor e foram essas linhas que me lançaram à descoberta da obra.

Investigando um pouco sobre a relação de Ferreira de Castro com o Brasil, descobri que sabia bem ao escritor vir a Guimarães, a Caldas das Taipas, durante o verão. Dava passeios pela vila, sentava-se num banco do jardim ou numa pedra, misturava-se entre as pessoas que por ali andavam, ouvia-lhes as histórias. Santos Simões, nas suas funções no CAR, reconhecendo nele a elevada estatura literária moveu-se de modo a fazer-lhe uma homenagem, colocando um busto na Vila. Ferreira de Castro desgostou-se com isso, dado que era um homem simples que queria estar à conversa com os habitantes, sem ter, como afirmou humoristicamente, que passar por si próprio todos os dias. Em 2021 comemorou-se os 50 anos dessa homenagem.

Entretanto, peguei no "Viajar com... Ferreira de Castro", que pertence a uma coleção muito bonita, editada pela Opera Omnia sobre escritores portugueses e os espaços de inspiração. Pus-me a ler a sua vida. Tinha na memória existirem as obras completas de Ferreira de Castro na casa dos meus pais, sem nunca, no entanto, as ter folheado. Instalou-se o desejo de o ler e o único livro nas estantes cá em casa era "Os Fragmentos", com o ex-libris do autor. Agarrei-me a esse livro, editado depois da sua morte, o que quer dizer que comecei pelo fim... embora não fossem os seus últimos textos. Estes eram os da gaveta, os inéditos.

Ao ler "Os Fragmentos", senti um maravilhamento e uma comoção com as suas palavras. Ler este jornalista do Jornal "O século", homem que muito vigiou as suas próprias palavras e que se cansou da censura (viu textos inteiros censurados sem saber porquê!) causou em mim grande impacto, pois a verdade é que nunca se cansou de escrever. Era movido pela realidade, pela injustiça e pela falta de paz de todos quantos se atormentam com a falta de liberdade. Eu sou movida pelo seu olhar que denuncia e descreve os pés sujos das crianças e o cabelo despenteado das mulheres, denuncia e descreve as casas sem luz onde descansam trabalhadores explorados. Com tudo isto acendia-se a "fome de lareira" – uma expressão que lhe pertence.

Daqui fui para "A selva". É uma obra tão densa como a própria Amazónia e, não sendo autobiográfica, vai beber à experiência do próprio autor quando emigrou para o Brasil e se viu a trabalhar no interior de um seringal. Retrata questões laborais e sociais gravíssimas, num regime de opressão e sem segurança e antevê problemas ecológicos. Atira-nos com a inconsciência de consumos desenfreados que nos mantêm no conforto, sem pensarmos no sofrimento causado a quem produz. Poderei esquecer a vida dos seringueiros daquela época e as ambições pessoais ou as razões de ordem económica, militar e política que permitiam tudo aquilo? E que o ouro de cada época, até aos dias de hoje, perpetua trabalho precário e pobreza?

Apesar de tanta inquietação, Ferreira de Castro mantinha a serenidade necessária à vida. Equilibrava-o a contemplação. Esta ação/contemplação continua a ser o que mais me atrai nos escritores e nas suas obras e descubro que Ferreira de Castro é um destes do meu rol.

Nas suas denuncias há um anúncio de que "é possível viver sem fingir que se vive" (Letra para um Hino, de Manuel Alegre).

Por tudo isto, caros leitores, peço-vos que leiam ou releiam Ferreira de Castro. Vão encontrá-lo em bibliotecas, em alfarrabistas, mas também em livrarias de livros novos. A Cavalo de Ferro editou grande parte da sua obra recentemente. Que livros bonitos! São todos inadiáveis leituras.

Bom ano a todos, com muitos livros a acompanhar os dias!

Editora: Opera Omnia

PVP 12,72€

Editora: Cavalo de Ferro

PVP 18,45€

PUB

GRUPO ZEGNEA QUESTIONA NA ÚLTIMA INTERVENÇÃO NO ECRÃ

WHY WORLD NEEDS ART

TEXTO: ELISEU SAMPAIO • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

Depois de um ano em que vários artistas, de diferentes áreas, apresentaram os seus trabalhos em realidade aumentada, no ECRA, localizado ao cimo da Avenida D. João IV em Guimarães, o grupo Zegnea promove uma reflexão sobre a importância da artes.

Para visualizarem este trabalho, os visitantes só têm de descarregar a aplicação gratuita "ArtiVive", apontar o telemóvel para o outdoor e deixar-se entrar no maravilhoso mundo da sua criatividade.

A criatividade que Hugo Lobo, CEO da Zegnea, aponta como fator fundamental para o desenvolvimento das atividades do grupo: "Nesta exposição procuramos transpor para o exterior toda a energia que acontece, que fomentamos dentro do nosso gabinete, dentro das nossas portas", refere à Mais Guimarães.

Na hora do balanço desta atividade que decorreu durante o último ano, o responsável diz estar "alcançado o objetivo a que nos propusemos", conseguindo refletir nesta ação "a forma como o grupo Zegnea olha para a sua atividade, seja na construção, seja na arquitetura, quer também na comunicação. Procuramos olhar para as coisas com outros olhos, fazendo reinterpretações de convencionalismos", acrescenta Hugo Lobo.

O arquitecto motra-se "muito satisfeito com a recetividade, tanto do publico como dos artistas que foram convidados. Agradecendo as suas "respostas criativas e o seu empenho", que permitiram à equipa da Zegnea "absorver um pouco de todas as artes que eles estiveram ali a expor e a transmitir", mesmo tendo estado a trabalhar sobre uma ferramenta desconhecida para alguns.

VER A QUALIDADE DAS APRESENTAÇÕES AO LONGO DESTE ANO FOI, PARA NÓS, FOI MUITO SATISFATÓRIO.

Esta ação termina agora porque, como diz Hugo Lobo, "tudo tem um começo e tem um fim, nada é eterno".

GRUPO ZEGNEA NA BIENAL DE ARQUITETURA, EM ITÁLIA

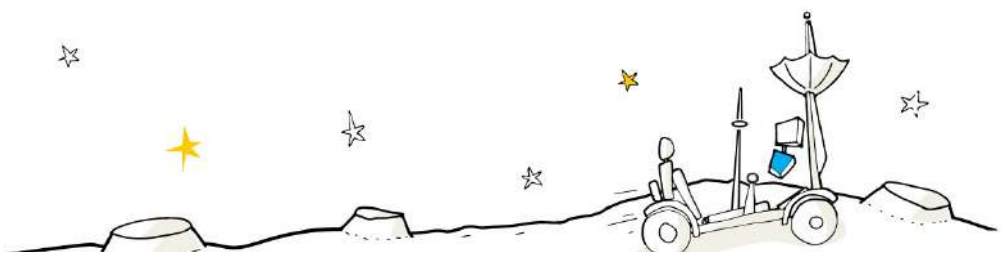
E, 2023, ficará marcado pela presença do grupo Zegnea, como parceiro convidado, em Itália, participando numa extensão de Bienal de Arquitetura, numa exposição que se designará por Time Space Existence 2023. Durante seis meses, entre maio e novembro, os visitantes, que chegarão de todo o mundo, poderão apreciar a coleção/exposição que refletirá também esta forma de estar do grupo.

Na mala, a Zegnea procurará levar também "um pouco da nossa cidade e de Portugal".

No ECRA, Espaço de Criatividade e Representação Artística, durante o último ano, os vimaranenses puderam apreciar alguns trabalhos de José Caldeira (Fotógrafo), Rafael Oliveira (Artista Plástico), Teresa Rego (Ilustradora), João da Fonseca (Designer de Comunicação), Soraia Oliveira (Artista Plástica), Filipe Fontes (Arquiteto e Escritor), Pedro Bastos (Realizador e Artista Plástico), Rui Passos (Escritor), e Tiago Lemos (Músico e Artista Plástico). Até ao final do mês é lançada a questão pelo grupo promotor do projeto: Why World Needs Art?

+CIÊNCIA

CENTRO CIÊNCIA VIVA DE GUIMARÃES



Já lhe aconteceu, caro leitor, chegar ao sábado e dar por si a pensar: "onde posso ir hoje com as crianças?". Quem nunca pensou isso que atire a primeira palavra! O Curtir Ciência sabe disso e preparou, para 2023, um programa especial para os sábados.

Uma das missões do Curtir Ciência passa pela dinamização de atividades dirigidas a públicos não escolares, no que representa uma clara aposta na relação com a comunidade em que se insere. E que atividades são essas? Vão das "Conversas Fora da Caixa" até ações de responsabilidade social e culturais. A estas junta-se agora uma outra: Sábados em Família.

No início de cada novo ano é costume apontar metas. No plano pessoal isso pode passar por definir novos objetivos, mudar comportamentos ou "mudar de vida". Para uma instituição como o Centro Ciência Viva de Guimarães, um novo ano representa novos projetos. À Escola Ciência Viva e ao projeto de promoção das ciências experimentais nas escolas da Comunidade Intermunicipal do Vale do Ave, junta-se um outra que pretende reforçar a interligação com a comunidade, razão de ser deste equipamento que tem como parceiro fundamental o Município de Guimarães e também a Universidade do Minho e a Ciência Viva.

Os Sábados em Família são isso mesmo: ações divertidas, didáticas, destinadas a crianças acompanhadas por adultos. Vão de oficinas científicas na área da robótica, programação e outras, até às populares Histórias com Ciência: uma atividade que alia o universo infantil às experiências científicas.

Por isso, caros leitores, em 2023, com alguma antecedência, há que procurar informação sobre a atividade que o Curtir Ciência programou para o sábado seguinte!

SÉRGIO SILVA

DIRETOR EXECUTIVO DO CURTIR CIÊNCIA CENTRO CIÊNCIA VIVA DE GUIMARÃES

O paradoxo da última carruagem, conhecem? O filósofo político Daniel Innerarity fala dele no livro "Política em tempos de indignação". Num determinado lugar ou país, que bem poderia ser o nosso, as autoridades que gerem as vias ferroviárias chegam à conclusão de que a maior parte dos acidentes com os comboios afetava especialmente a última carruagem. O que fazer? Decidem eliminar a última carruagem em todos os comboios.
Agora substitua-se a ferrovia pela política. A crítica aos políticos e à política é um dos passatempos preferidos de muitos. Que não funciona, que são todos uns facínoras e tudo o resto que qualquer um de nós já ouviu ou já leu. Nesta matéria, segundo o autor, "há uma contradição no facto de se pretender que os nossos representantes sejam como nós e, simultaneamente, esperar deles qualidades de elite".
Será solução eliminar toda a classe política? A ser assim, quem é que a poderia substituir? Pessoalmente, não pretendo um mundo desses, sem política e políticos. E é fácil perceber quem seria beneficiado num cenário desses. Podemos melhorar a política, mas ela é algo inevitável, ao contrário do que apregoam os populismos que espalham a desconfiança em relação aos políticos como se fosse possível que a sua atividade passasse a ser desempenhada por quem não é político ou por quem atua como se não o fosse.

CUBETTO

Cada vez mais, e desde cedo, as crianças contactam com a robótica. Saberão elas como funcionam os robôs? Nesta oficina para famílias cada participante pode experimentar um pequeno robô (Cubetto) e explorar os princípios básicos da programação.

ERA UMA VEZ

Histórias com Ciência, com princípio, meio e fim. As do Curtir Ciência, contadas dentro e fora de portas, começam sempre por "era uma vez...", mas antes da conclusão há, lá pelo meio, muitas experiências cientificas. As crianças não se limitam a ouvir: são participantes ativas!

ZUL

ZUL
UMA LUZ DISFARÇADA

TEXTO: JOANA MENESES • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

Cláudio Pacheco, Pedro Rompante, Rui Silva e Miguel Machado. Juntos são os Zul. Começaram em 2019, com outros elementos e outro nome. A pandemia veio, de certa forma, fazer a banda crescer e lançaram um EP em 2022. Em dezembro, aventuraram-se e mostraram uma versão da "Vejam bem", do Zeca Afonso. Não se consideram uma banda de intervenção, mas são várias as mensagens que têm para passar.

Estamos com três elementos dos Zul, três de quatro... Guimarães, Moreira de Cónegos, Vila das Aves e Porto, como é que se juntam pessoas destas zonas?

Cláudio Pacheco (CP): Sim, a banda foi fundada em 2019, inicialmente com outro nome. Éramos três quando viemos para aqui pela primeira vez. Começamos a ensaiar e, na altura, a nossa procura principal era alguém para cantar, ter uma segunda guitarra na banda com alguém que cantasse. O Gerson disse-nos que conhecia um rapaz que sabia cantar, que dava um jeito. É assim que conhecemos o Kurt [Pedro Rompante] a meio da pandemia, a meio do confinamento da Páscoa. O Kurt começa a fazer as audições de forma remota e instantaneamente achámos que era exatamente aquilo que nós precisávamos, era exatamente aquela pessoa que nós procurávamos. O resto dos membros conhecemo-nos todos em Guimarães, numa jam no Tribuna. Já conhecia o Miguel, porque ele era aluno do mesmo professor que eu. O Rui apareceu, caiu-nos do céu, até porque ele é do Porto, estava a estudar cá e

estava à procura de uma banda.

Então juntaram-se já com o objetivo da música...

Miguel Machado (MM): Sim, o Rui estava à procura de uma banda e o Cláudio também estava à procura de criar uma banda e já estava junto com o Alex. Juntaram-se ao Rui e procuraram um baixista. Arranjaram um que não ia aos ensaios e depois arranjaram um que ia aos ensaios. Portanto a escolha era fácil.
CP: Mal nos juntamos todos, estávamos todos com o mesmo foco. Foi fazer isto com o foco de fazer música, mas também para nos divertirmos um bocado, para sair um bocadinho das nossas zonas de conforto.
Pedro Rompante (PR): Uma pessoa gostar do que está a fazer é o mais importante numa banda. O sucesso é o que poderá vir, poderá nunca chegar. Acho que todos temos esse espírito, todos gostamos do que estamos a fazer.

Até porque vocês têm todos trabalhos extra os Zul. É fácil de conciliar?

CP: O meu não podia ser mais fácil, porque trabalho em remoto. Tenho que estar muito focado, mas, como estou em casa, tenho sempre aquele tempo para conciliar tudo se tiver que tratar de coisas em casa.
PR: Nós ensaiámos sempre em pós-laboral, se vivêssemos disto, se calhar, ensaiávamos o dia todo e começávamos mais cedo. Mas vamo-nos organizando. Também o facto de não sermos todos do mesmo sítio acaba por ser mais difícil, mas quando se gosta arranja-se sempre maneira de ultrapassar essas barreiras.

DIREITOS RESERVADOS

E porquê Zul? Que, curiosamente, é luz ao contrário...

CP: O facto de ser luz ao contrário tem muito sentido, porque, inicialmente, nós chamávamo-nos Lamp. Somos uma banda que gosta sempre de dar ênfase de onde viemos. Gostamos sempre de nos lembrar de onde é que viemos. Lamp tem a ver com luz também e nós achamos que uma banda chamada Luz seria algo banal e demasiado direto. Zul veio de uma discussão muito grande neste estúdio e veio exatamente de luz ao contrário. Inicialmente não ficamos logo com o nome...
PR: Até porque há um simbolismo em torno do facto de ser luz ao contrário. É quase como uma luz que está disfarçada. Para trazer luz ao mundo, às vezes, não podemos ser demasiado diretos, há sempre alguém a tentar apagar essa luz.
MM: Eu só acho que Zul é fixe [risos].

Como é que surge depois o vosso primeiro o primeiro EP, "Zul"?

CP: O EP basicamente já estava meio que em andamento. Começamos a compor o EP no início da banda. Quando veio o covid nós tivemos as primeiras alterações na banda, ficamos sem alguns membros, e foi aí que nos estabelecemos como um trio, na altura. Das músicas que temos no EP, duas delas surgiram à última da hora. Eu e o Rui, depois de ficarmos sem os membros, viemos para aqui ensaiar e compusemos uma música que dividimos em duas e é assim a única que vem um bocadinho antes do início das gravações. O resto foi surgindo, detalhes, sons,... O Kurt entrou e o EP já estava 80% gravado, só faltava gravar os baixos.
PR: A questão da pandemia também atrasou o processo, foi mais demorado por causa disso e, de certa forma, fez com que eu chegasse a tempo.
CP: Foi algo que nós sempre dissemos e mesmo quem nos produziu o EP disse isso. Ainda bem, por um lado, que a pandemia chegou. Porque tivemos tempo para amadurecer como músicos, o que também foi muito importante. Mas também porque o Kurt entrou. Se calhar, se o EP não tivesse as vozes dele não era Zul.

Mas havia outra pessoa na voz ou vocês não tinham, de todo, voz?

CP: Era eu.

Não sei se isso é bom ou não... [risos]

CP: É terrível... Eu detestava cantar e ainda não é uma coisa em que me sinta 100% confortável. Gosto mas não é algo que me queira focar. Foi por isso que procuramos alguém.

Voltando ao EP, ia perguntar-vos precisamente como é que é o vosso processo de criação.

PR: Música em primeiro. A letra surge depois. Se bem que às vezes posso aproveitar coisas que escrevi, nem que seja para inspirar.
CP: O Rui [baterista] vai de acordo com aquilo que nós vamos tendo. Eu por norma trago a linha para nós explorarmos e ver o que é que conseguimos fazer. Vamos fazendo cada um a sua parte, como é lógico, juntámos tudo e vemos o que é que é preciso.

PR: No fundo, alguém traz uma ideia e tentamos trabalhar e construir sobre essa ideia. Outras vezes fazemos uma jam e às vezes surgem ideias daí também. As letras vêm depois, até por questões de métrica.

Há bocado falaram na questão do nome da banda não ser direto. Como é que são as letras?

PR: Há sempre um cariz muito social, crítica social. Existe sempre um lado muito existencial, a condição do que é ser humano, estar aqui, para onde queremos levar isto. Estamos a responder por nós próprios, mas, no fundo, para a humanidade no geral. As letras, no fundo, têm a ver com isso: depressão, frustração, crises, uma certa crítica a alguns preconceitos e algumas ideias que consideramos erradas...
CP: Gostamos de tocar nas feridas. Mas gostamos de tocar nas feridas disfarçadas. É tal como o nome... não gostamos de ser completamente diretos, mas gostamos que as pessoas percebam que estamos a tocar em certa ferida. Se estamos a falar de depressão não queremos falar diretamente, mas quando a pessoa lê a letra e ouve a música percebe. Pessoalmente, acho que é uma forma de nós nos inspirarmos e vem da forma de nós compormos. Gostamos de compor de acordo com aquilo que estamos a falar. Se estamos a falar de guerra não podemos, por exemplo, tocar músicas calmas. Pode ter uma passagem mais calma, sim. Também gostamos de dar sempre uma parte de esperança.
PR: Existe sempre um lado de esperança, até no sentido de tentar mudar alguma coisa que esteja errada. Não somos uma banda de intervenção, não nos apresentamos como tal, mas há sempre um lado que acaba por ser interventivo. Em relação ao óbvio, há um artista que diz que o óbvio é aborrecido e velho. Eu acredito um bocado nisso, no sentido em que se for demasiado óbvio as pessoas acabam, se calhar, por não pensar tanto sobre. Se tiveres que pensar sobre aquilo, vais ser obrigado a digerir mais aquilo.
CP: Houve uma coisa que me disseram sobre o EP que me ficou na mente porque é exatamente isto que nós queremos. Na última música, o que começa é uma linha de baixo do Miguel. Quem ouvir a linha pode achar que a linha é um bocado dissonante. A pessoa disse-me isto, mas quando cai na música em si, quando abre tudo, é como se estivéssemos a cair num conforto. É exatamente isso que nós queremos transmitir, é que, no meio disto tudo, há sempre conforto, há sempre alguma coisa que vale a pena agarrar. E se as coisas estão estranhas ou se são diferentes, só temos que nos ambientar a essa coisa porque pode correr bem.

Como é que vocês se definem enquanto banda?

Rui Silva (RS): Nós tentamos fazer aquilo que nós gostamos e não necessariamente aquilo que queremos que as outras pessoas ouçam. Tentamos ao máximo expressar-nos e utilizar a música como veículo daquilo que nos vai na alma ao invés de fazer entretenimento. Usar também o poder da música como mensagem social e como algo que possa impactar quem ouça de outra forma que não só "olha que música gira".

Finalmente com o quarto elemento presente, podemos dizer que passaste no teste. Foi coerente com o que foi dito até agora...

CP: Se for para falar em rótulos, somos os Zul. Somos uma mistura de muita coisa diferente. Não podemos dizer que somos uma banda de rock ou metal progressivo. Hoje estamos a tocar coisas mais pesadas e amanhã podemos decidir lançar um álbum acústico.

Um bocadinho nesse sentido, lançaram recentemente "Vejam bem". Porquê Zeca Afonso, porquê português?

PR: Eu gosto muito de cantar em português e tínhamos um set de músicas para tocar. Pensamos em fazer uma versão de alguma música e eu sugeri a "Vejam bem". É improvável e o pessoal na altura ficou: "Zeca Afonso? Vejam bem?". Mas aceitaram o desafio e acho que resultou bem.
CP: Posso dizer que, inicialmente, eu era contra [risos].

DIREITOS RESERVADOS

PR: Acho que podemos dizer que, entretanto, já temos algumas músicas novas e, se calhar, vai haver alguma que é em português.
RS: Às vezes discutimos um bocadinho isto. O que seria, sei lá, do Rui Veloso se ele tivesse nascido do outro lado? Se calhar era muito maior do que aquilo que é. E nós, como somos pessoas que sonham baixinho, utilizamos se calhar o inglês, numa fase inicial, como "queremos chegar a mais pessoas, queremos que toda a gente entenda aquilo que nós estamos a tentar dizer". Contudo, nós somos portugueses e a nossa língua é a língua portuguesa e temos muito orgulho naquilo que nós somos e fazemos. Encontrámos agora, nesta nova fase, uma nova sonoridade, digamos. Isto também foi discutido há pouco tempo, é um bocado recente. Foi discutido há pouco tempo a questão de nós, até agora, estarmos em construção e agora termos chegado a uma base que somos nós, que soa a nós, finalmente. Claro que temos outras coisas no baú e claro que eventualmente vão sair outras coisas que mostrarão outros facetas nossas, mas julgo que é isto a nossa base. E o facto da própria música ter esse cariz social, ainda dá mais força a essa nossa face.

Indo por aí, pelos sonhos que inevitavelmente toda a gente tem, perguntava se é fácil chegar longe vindos desde cidades que não Lisboa ou o Porto, os habituais grandes centros.

PR: O circuito em Portugal é pequeno e o caminho é penoso. Existem poucos espaços para tocar, muita malta a tocar e a tocar muito bem. Então temos que ir batalhando e chegando cada vez mais longe. A questão da da pandemia acabou por tirar um bocado a rotina dos concertos nos bares. Os bares demoraram até quererem ter concertos outra vez, porque as pessoas não aderiam. Acho que isto ainda não está a 100% e ainda se está a adaptar ao pós pandemia. Há cada vez mais espaços e acho que também estamos a conseguir mais facilmente, agora, arranjar mais espaços. Mas não é fácil, porque o circuito é pequeno e há muitos sítios que, como não nos conhecem, não querem arriscar.
RS: Depois também temos aquela questão do estado artístico em Portugal que está pela hora da morte, como todos sabemos. Está "pela hora da morte desde 1143, desde o Condado Portucalense que está em crise". É muito complicado furar, é muito complicado existir e viver disto, sobretudo. A questão de ser um meio pequeno, chega-se a um ponto em que tu já conheces toda a gente, são sempre os mesmos cromos. O que diz muito sobre a forma como as coisas são tratadas, as oportunidades a quem são dadas... e não é por falta de qualidade. Isso acaba por ser frustrante e, na música, acaba por também acontecer isso. É uma luta constante. Uma pessoa quer chegar e dizer "estamos aqui, fazemos isto", mas muito pouca gente quer ouvir porque têm outras pessoas, têm outras entrevistas para dar, têm outros palcos para dar.
PR: E também temos a questão do investimento em relação à cultura e à arte. Toda a gente sabe que é um investimento baixo e isso depois reflete-se, lá está, na oportunidade dos artistas para terem espaço, para terem palco... É uma bola de neve. Em Portugal não há falta de artistas de qualidade, acho que Portugal é um país que produz muitos artistas, até. Tem que se mudar o paradigma em Portugal e investir mais na cultura e na arte.
CP: Não, não é fácil. Mas temos que chegar a um ponto em que a qualidade também vai ter que falar por ela própria. E se a banda tem qualidade e se a banda não desiste, porque a maior parte das bandas têm qualidade mas desistem... Às vezes recebemos o sim e é nesse sentido que temos que nos focar.

E focando-nos em Guimarães, que foi um dos vossos primeiros palcos, no Café Concerto... Acreditam que Guimarães tem espaço para toda a gente?

CP: Há certos sítios que sim, que arriscam. Há outros que não, mas, nos últimos anos, os sítios que não arriscavam antes começaram a abrir portas. O Café Concerto é um deles. Disseram-me uma coisa, estes dias - não querendo dizer que foi o nosso caso -, que Guimarães é uma madrasta muito boa e uma mãe muito má. Temos excelentes músicos em Guimarães, sem dúvida alguma. O problema é que, como o Rui disse, muitas das vezes as ofertas são oferecidas àqueles. Se calhar está na altura de começar a abrir mais as portas. E a verdade é que Guimarães tem muitos sítios, portanto não há razão nenhuma para, se nós temos 50 bandas em Guimarães, porque é que essas 50 não aparecem uma vez por ano?

PUB

CIDADE

© DIREITOS RESERVADOS

Tal como estava previsto, a direção artística do Teatro Oficina mudará em 2023 e contará com um novo diretor artístico convidado, Mickaël de Oliveira.

O dramaturgo e encenador Mickaël de Oliveira nasceu em 1984, em França, e vive em Portugal desde 1999. Após uma curta passagem por Aveiro, seguiu-se outra curta estadia em Viseu, assim como a de Coimbra, onde frequentou a Faculdade de Letras – Estudos Artísticos na variante de Teatro.
Mais tarde, Mickaël de Oliveira continuou a formação académica com o doutoramento em Estudos Teatrais pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, cuja dissertação tem como tema central a dramaturgia contemporânea portuguesa.
O primeiro texto com um "palco maior" foi apresentado pelo TAGV – Teatro Académico Gil Vicente (Coimbra), com 18 anos, embora aos 14 anos já tivesse escrito o drama histórico. Uma peça que contou com três espetáculos, dos quais "não se orgulha nada". "Foram horrorosos, mas comecei a perceber como se dirigia atores", contou ao Mais Guimarães em 2018.
Já em Lisboa, conheceu John Romão, com quem cofundou o Colectivo 84, em 2008, para o qual escreve e onde também faz trabalho de encenação.
O seu percurso foi galardoado, em 2007, com o Prémio Nova Dramaturgia Maria Matos. É autor de diversos textos, contando com traduções para várias línguas estrangeiras, entre os quais "Oslo – Fuck Them All and Everything Will Be Wonderful" (em cocriação com Nuno M. Cardoso), apresentado na 28.ª edição dos Festivais Gil Vicente, em Guimarães. Com várias experiências na área do ensino, foi diretor adjunto do Teatro Académico de Gil Vicente (Coimbra) de 2011 a 2015, e diretor artístico do projeto "Encontros de Novas Dramaturgias Contemporâneas", que pretende promover a dramaturgia contemporânea portuguesa e internacional.
Mais tarde, Mickaël de Oliveira continuou a formação académica com o doutoramento em Estudos Teatrais pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, cuja dissertação tem como tema central a dramaturgia contemporânea portuguesa.

© DIREITOS RESERVADOS

PRIMEIRO BEBÉ DO ANO: ENZO NASCEU À 01H53

Chama-se Enzo, é filho de um casal residente em Santa Eulália, Vizela, e nasceu de cesariana à 1h53 no dia 1 de janeiro de 2023. O primeiro bebé do ano de Guimarães pesa 3.615 kg e mede 50 cm.
Carla Ferreira, de 26 anos, é a mãe, e Pedro Silva, de 34 anos, o pai, acompanhou o nascimento do filho no Serviço de Maternidade do Hospital Senhora da Oliveira.
Na última semana, o hospital de Guimarães anunciou que o Serviço de Maternidade tinha atingido os 2.000 nascimentos em 2022, tendo havido um aumento face a 2021.

RELAÇÃO COM O CORPO EXPLORADA EM "LAR"

"LAR" é um projeto que explora a relação com o corpo, o conhecimento dos seus limites e a possibilidade de se aperceberem que os limites estão para lá do imaginável é um dos grandes focos deste projeto que está a ser realizado em parceria com os utentes da Venerável Ordem Terceira de São Domingos. O projeto é inspirado na linguagem de movimento Gaga, no qual se procura a liberdade e o prazer de movimento para todos. "Despertar sensações e oferecer a possibilidade de desenvolver a coordenação, agilidade e flexibilidade, estimulando a imaginação e construindo uma experiência física e multi-sensorial desafiante, respeitando a individualidade de cada um" são os princípios base de "LAR".

© DIREITOS RESERVADOS

© JOANA MENESES / MAIS GUIMARÃES

ENTRE OS MAIS VISITADOS EM 2022

O Paço dos Duques e o Castelo de Guimarães voltaram a estar entre os mais visitados a nível nacional. Em 2022, registaram um aumento bastante significativo do seu número de visitantes, face ao ano de 2021.
O Paço dos Duques recebeu a visita de 365.480 pessoas (141.837 nacionais e 223.643 estrangeiros), ao passo que em 2021 o número total de visitantes tinha sido de 169.223.
No que se refere ao Castelo de Guimarães, 302.757 (114.485 nacionais e 188.272 estrangeiros) foi o número total de pessoas que visitaram este monumento, enquanto que, em 2021, tinham sido 154.731 pessoas.

AGENDA

GUIMARÃES ARTE E CULTURA
JANEIRO E FEVEREIRO 2023

CONCERTO DE REIS

21 DE JANEIRO
Paço dos Duques de Bragança

O já tradicional Concerto de Reis - Cantar ao Menino constitui um dos momentos marcantes da temporada musical de OsMusiké, pelo clima festivo e popular que rodeia este programa. Este ano, conta com a participação dos Grupos - Chorus Anima Populi, Liberdade FC e OsMusiké.

© JOANA MENESES

© DIREITOS RESERVADOS

MÁRIO LAGINHA & PEDRO BURMESTER

21 DE JANEIRO
Centro Cultural Vila Flor

Numa viagem musical feita de memórias, Mário Laginha e Pedro Burmester tocam obras de Piazzolla, Ravel, Laginha e Sassetti. Do tango ao bolero, passando pela contagiante linguagem do jazz em formato clássico, e visitando a singular e poética obra de Bernardo Sassetti, músico que Laginha e Burmester conheceram tão de perto. Uma estrela cintilante que se apagou cedo demais. A tristeza da ausência de Sassetti é amplamente superada pela alma maior que a sua música carrega. Um concerto íntimo, nas quatro mãos de uma cumplicidade que dura há mais de 30 anos.

SOFRIMÊNCIAS

21 DE JANEIRO
Multiusos de Guimarães

John Mendes apresenta agora o seu novo solo, "Sofrimências", no qual irá surpreender o público com um espetáculo de stand-up comedy de alto nível.
O sofrimento é o sentimento mais comum na vida de qualquer ser humano. Uns sentem mais, outros sentem menos, mas todos temos de viver com ele. Neste espetáculo, John Mendes partilha os momentos da sua vida que mais lhe fizeram sofrer relativizando o sentido da própria palavra, com intuito de mostrar ao público que a forma mais correta de lidar com o sentimento negativo, é a comédia.

NATAL 71

24 DE JANEIRO
Centro Internacional das Artes José de Guimarães

Um documentário de Margarida Cardoso que fala sobre a realidade da altura do regime ditatorial de Salazar. Retoma o título do disco produzido pelo Movimento Nacional Feminino, que foi oferecido pelo Natal aos militares portugueses em guerra no Ultramar com mensagens de cantores de fado, atores e jogadores de futebol a exaltar o sentimento nacionalista para lhes levantar a moral. Paralelamente, os soldados portugueses em Moçambique gravam clandestinamente o "Cancioneiro de Niassa", uma cassete com músicas que exprimem a sua revolta contra o regime. Um documentário onde são apresentadas duas realidades distintas: a ficção da propaganda e a realidade da guerra colonial.

COMMEDIA A LA CARTE

27 DE JANEIRO
Multiusos de Guimarães

O maior fenómeno do humor de improviso em Portugal volta aos palcos em 2022. Guimarães recebe os Commedia a La Carte da melhor forma: à gargalhada. Há novidades, mas só serão reveladas depois. Até porque, após dois anos de pandemia, o humor deixou de ser apenas entretenimento e passou a ser uma missão.

© DIREITOS RESERVADOS

GUIDANCE

2 A 11 DE FEVEREIRO
Centro Cultural Vila Flor, Centro Internacional das Artes José de Guimarães e Teatro Jordão

Sendo um lugar de especulação sobre o impossível, o GUIdance é, ao mesmo tempo, um lugar de trans_missão e de trans_formação do ser. Uma espécie de expressão que não compreendemos à partida, mas cuja força criadora e misteriosa nos congrega a fazer parte da sua existência.
O programa deste ano terá como destaque a Companhia Dançando com a Diferença com três obras e fechará com "Jungle Book reimagined" de Akram Khan, numa clara alusão à importância do humanismo e da relação com a Natureza.

© DIREITOS RESERVADOS

REINO DA DIVERSÃO

3 A 21 DE FEVEREIRO
Multiusos de Guimarães

O Multiusos de Guimarães volta a ser o palco do "Reino da Diversão", prometendo fazer as delícias dos mais novos com várias atividades. Entre a programação diversificada, os destaques vão para a pista de gelo, carrosséis e simuladores que estarão disponíveis.

SONHOS DE BOLSO

12 DE FEVEREIRO
Casa da Memória

Nesta oficina, os mais novos vão desenhar sonhos: do que sonharam ontem e do que sonham para o futuro. Estes desenhos são lenços de tecido, que podem dobrar e para sempre guardar perto deles. São, por isso, sonhos de bolso. Viajando por entre a tradição têxtil e o Bordado de Guimarães, vão estampar tecidos numa mistura de cores e outros efeitos inesperados.

365 DIAS DE CAMPEÕES

TEXTO: JOANA MENESES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

Poucos sabem, mas Guimarães foi a primeira cidade portuguesa a receber o título de Cidade Europeia do Desporto. Assumiu o seu papel e "tomou nos braços a importância de desenvolver um programa que deixasse uma marca para o futuro". Foi essa a vontade de quem, na altura, desenhou um programa de atividades e eventos que fosse ao encontro daquela que era a estratégia política de fomento do desporto e da atividade física em Guimarães.

"Desporto para todos" dava o mote para aquele que viria a ser um ano que contou com 37.000 participantes em 20 eventos de competição, 45 desportivos e 23 de desporto de lazer/recreação. Além dos eventos, a cidade berço viu estudos científicos serem realizados a partir dela assim como abriu portas a iniciativas no âmbito da formação e qualificação. Iniciativas que vieram comprovar que a abordagem de Guimarães 2013 não foi meramente desportiva. A sua programação foi construída para perspetivar o desporto a partir de diferentes ângulos, nomeadamente social, sociológico e cultural.

Guimarães vinha de um ano de cultura, de eventos diários, de um dia a dia frenético. Sentia-se nas ruas a vontade de continuar essa adrenalina. Os vimaranenses entusiasmam-se com o que por aqui acontece. Sempre foi assim. E 2013 não foi diferente. Gostam de estar presentes e têm um orgulho desmedido em contar que fizeram parte de algo maior. E se falamos em cultura, inevitável é afirmar que o desporto também o é enquanto fator de aproximação entre povos e expressão de uma identidade. No programa da Cidade Europeia do Desporto daquele ano houve, por isso, um conjunto de atividades culturais que tinham como objetivo contribuir "para um olhar mais estético sobre o desporto". Concursos de fotografia, pintura e música, um ciclo de cinema, exposições e publicação de livros, com especial relevo para a História do Desporto em Guimarães, foram alguns dos exemplos de trabalho desenvolvido neste segmento de programação. O desporto foi também visto como um espaço de arte e de artes.

10 CIDADES EUROPEIAS, DESTAQUE NA CIDADE BERÇO

Arrancou a 19 de janeiro para ser o exemplo em Portugal e para celebrar. Ao som de "Celebration" muitos foram os que dançaram no Multiusos. Abriam um ano que prometia não parar.

Em outubro, a Federação das Capitais e Cidades Europeias do Desporto considerou Guimarães a Melhor Cidade Europeia do Desporto em 2013 entre as 10 cidades europeias que, ao longo daquele ano, também se afirmavam com este título.

Encerrou a 22 de dezembro, no Centro Cultural Vila Flor, com 63 jovens músicos a interpretarem um reportório inspirado em temas alusivos a competições desportivas, filmes e personalidades do mundo do desporto.

12 meses, 175 eventos desportivos, 35 diferentes modalidades, 168.500 participantes entre atletas, público e voluntários. O resumo de um ano em que muito se correu.

DIREITOS RESERVADOS

DIREITOS RESERVADOS

DIREITOS RESERVADOS

2013 COLOCOU GUIMARÃES NA ROTA DOS "GRANDES EVENTOS"

TEXTO: VÍTOR JORGE OLIVEIRA • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

Cidade Europeia do Desporto em 2013, Guimarães foi a primeira cidade portuguesa a receber o estatuto atribuído pela Associação Europeia de Capitais de Desporto (ACES) e pela União Europeia. Amadeu Portilha, que em 2013 era o vereador do Desporto da Câmara Municipal, é o convidado da Mais Guimarães. O atual presidente da direção da Tempo Livre recordou, com nostalgia e orgulho, o percurso que levou o nome de Guimarães aos quatro cantos do mundo.

Dez anos passaram- As memórias e o orgulho continuam bem presentes?

Um orgulho, mas também uma profunda saudade. Foi um ano absolutamente excecional quer para mim, quer para a equipa que me acompanhou. Provocou sensações fora do comum pela qualidade e quantidade dos eventos que realizamos, mas fundamentalmente por aquilo que nós sentimos que alteramos no desporto em Guimarães.

Mas gostaria de começar por dizer que Guimarães Cidade Europeia do Desporto 2013 surge na sequência de duas condicionantes que, na altura, achamos decisivas e fundamentais. Em primeiro lugar, porque tínhamos sido, até 31 de dezembro de 2012, Capital Europeia da Cultura, com tudo de extraordinário que aconteceu na cidade nesse ano memorável. Entendemos ser fundamental que houvesse qualquer coisa que quebrasse uma eventual ressaca da mesma. Ou seja, de repente, temos um ano com tudo e, depois, um ano ou anos seguintes sem nada.

Depois, pela circunstância de percebermos que, após uma alteração profunda do paradigma do sistema desportivo em Guimarães, que foi desenhado e construído nos dez anos anteriores, poderíamos, de alguma forma, através da Cidade Europeia do Desporto, celebrar a qualidade e a excelência que o sistema desportivo em Guimarães tinha atingido naquele ano e reconhecido pelo sistema desportivo nacional e internacional. Daí essa aventura de apresentar uma candidatura a um prémio e estatuto que, na altura, era praticamente desconhecido em Portugal. Uma vez mais, Guimarães demonstrou o seu pioneirismo, avançando para um desafio que, hoje, felizmente, faz com que muitas cidades portuguesas tenham aderido e tenham também conquistado esse estatuto.

Guimarães, tendo sido um exemplo, os outros municípios pediram ajuda?

Nos primeiros anos, Guimarães foi importante no desenho e na estruturação das Cidades Europeias do Desporto dos anos seguintes. E recordo-me bem da Maia e de Gondomar, que tiveram uma partilha muito interessante connosco, não só na procura de recolha de alguns ensinamentos e experiência, mas também aprendendo com erros. Nestas coisas, nem tudo corre bem. 2013 foi um ano excecional. Houve muitas coisas que correram bem, houve algumas que não correram bem. Houve muitas coisas que superaram as nossas expectativas e outras que não. Por isso, essa síntese que fizemos no final do ano, permitiu que as cidades que se seguiram a Guimarães pudessem, com esse ensinamento

e experiência, fazer programas muito ambiciosos e interessantes.

Superaram o número de eventos exigidos. Houve muita gente envolvida, muitas entidades?

Quando nos candidatamos, o que prometi ao presidente da ACES, o senhor Lupattelli, foi que Guimarães ia candidatar-se, mas que iria ser uma coisa completamente diferente. Não nos íamos ficar por aquilo que seria uma espécie de caderno de encargos principal. Queríamos ir muito mais longe e, por isso, dividimos o evento em cinco áreas temáticas muito importantes, que nos permitiram realizar grandes eventos, mas também investir fortemente na capacitação e na formação de dirigentes, atletas, e de todo o sistema desportivo local.

Fizemos uma ligação muito interessante entre a Cultura e o Desporto, com exposições, com ciclos de cinema e palestras, e lançamento do livro da História do Desporto.

Fizemos também algo muito importante na área da oferta desportiva, criando novas modalidades. O rugby e a ginástica nasceram precisamente por iniciativa da Cidade Europeia do Desporto. O nosso programa e a nossa ambição foi muito diversificada e multifacetada, daí que tenhamos surpreendido a ACES, que achou o nosso programa fora do comum, como nos permitiu, logo no primeiro ano em que Portugal teve uma Cidade Europeia do Desporto, ser considerada a melhor entre as nove desse ano.

Num ano repleto de momentos marcantes, o Amadeu Portilha consegue destacar algum?

Não. É absolutamente impossível, porque a intensidade com que vivemos aquele ano não permitia vivenciar aquilo que estávamos a fazer. Fizemos coisas absolutamente fantásticas, que perduraram e ainda vão perdurar muitos anos, e dou como exemplos a Meia Maratona de Guimarães, o Centro de Deteção de Talento Desportivo, e um conjunto de atividades como a Liga Mini, os Jogos da Comunidade e o Escolar, que nasceram na Cidade Europeia do Desporto e que ainda hoje são uma marca importante daquilo que é o investimento municipal no Desporto. Mas há duas coisas muito importantes que deixamos, não só no sistema desportivo, como na economia local. Criamos as condições para que Guimarães fosse, definitivamente, considerada uma cidade de

grandes eventos. Hoje, na rota dos grandes eventos, Guimarães marca sempre presença. As grandes competições internacionais, que se fizeram em Portugal depois de 2013, tiveram como palco o Multiusos. Deixamos essa marca e mostramos que somos uma cidade preparada para receber qualquer tipo de evento, seja desportivo, cultural ou de entretenimento. Outra marca que deixamos importante foi a capacitação, a formação e a valorização do sistema desportivo na sua transversalidade. Ou seja, desde a capacidade que demos aos clubes de formar dirigentes, como também a demonstração que fizemos inequívoca que Guimarães podia ter mais modalidades desportivas, melhor oferta desportiva e diversificada, investindo não apenas naquilo que é o desporto formal e competitivo, mas fundamentalmente no cidadão comum. Acho que 2013 marca claramente o início dessa alteração do paradigma. Até 2005, o investimento municipal no desporto estava muito concentrado nos clubes. Eram os clubes que ficavam praticamente com todas as fatias do bolo municipal. A partir dessa altura, e com 2013, percebemos claramente que o investimento no desporto informal, no desporto não competitivo, de recreação, era tão importante como o investimento no desporto formal. A partir daí, construímos complexos desportivos, a academia de ginástica, fizemos parques que hoje são utilizados por milhares de pessoas. Tudo isso são sementes que nasceram em 2013 e que frutificaram, volvidos estes anos, numa qualidade acima da média do sistema desportivo em Guimarães.

E os vimaranenses começaram a praticar mais desporto. Sente isso?

Fizemos esse estudo em 2013 e, já nessa altura, a média de participação desportiva em Guimarães era superior à média nacional. Nunca mais repetimos esse estudo. Estamos a acabar um novo estudo e, em março, iremos apresentar uma atualização do estudo sobre a oferta e a procura desportiva em Guimarães. Eu próprio estou muito curioso para saber se de facto esse efeito ainda se mantém ao fim de dez anos. Eu quero acreditar que sim. Mas o estudo vai sair e os dados vão ser lançados muito em breve.

2013 foi um ano de orgulho para Guimarães e para os vimaranenses. O Vitória ter conquistado a Taça de Portugal, foi a cereja no topo do bolo?

Tudo correu bem nesse ano. Fomos à final da Taça de Portugal, fomos para Lisboa e para o Jamor com a ideia na cabeça que podia acontecer. Foi um dia de imenso trabalho. Desde que o jogo acabou, até à nossa chegada a Guimarães, estivemos a preparar o acolhimento da equipa no Toural para festejarmos um dos maiores troféus, se não o maior, da história do Vitória.

DIREITOS RESERVADOS

"UMA VEZ MAIS, GUIMARÃES DEMOSTROU O SEU PIONEIRISMO"

PUB

CREIXOMIL
Rua da Índia,
nº 462, Loja 4,
4835-061

TROFA
Rua Costa Ferreira,
nº 100, Loja 4,
4785-298

RONFE
Alameda Professor
Abel Salazar, nº 29
4805-375

Segunda a Sábado
08h00 às 20h00

PAULA NOGUEIRA: "QUISEMOS MOSTRAR QUE GUIMARÃES É ESPECIAL NO DESPORTO"

TEXTO: VÍTOR JORGE OLIVEIRA • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

Coordenadora geral da Cidade Europeia do Desporto, em 2013, Paula Nogueira, atual vereadora na Câmara Municipal de Fafe, recordou como nasceu a candidatura de Guimarães a Cidade Europeia do Desporto.

"O facto de Guimarães ter sido Capital Europeia da Cultura, em 2012, não foi um holofote para a Cidade Europeia do Desporto, mas foi a forma de garantir que havia uma continuidade no espírito de mobilização dos vimaranenses e dos portugueses em torno de uma cidade muito especial, que tinha acabado de fechar um ano brilhante com a Capital Europeia da Cultura, extraordinariamente bem organizada, impactante, e que colocou Portugal e Guimarães no mapa europeu. Havia uma onda que não podia morrer no dia 31 de dezembro de 2012", lembrou. "Havia necessidade de dar sequência a outro eixo estruturante e identificador de Guimarães, que era o desporto. Percebemos que Guimarães é um município amigo do desporto e que tem uma população que ama o desporto, não só na prática, como no movimento associativo. Guimarães é uma cidade onde há paixão, emoção e bairrismo. Com tudo isto, percebemos que estavam reunidas as condições para avançar", acrescentou.

Pioneira em Portugal no projeto, desde cedo a ambição acompanhou os responsáveis. "Observando o que estava a ser feito na Europa, quisemos ser os primeiros e ser os melhores. Quisemos mostrar que Guimarães é especial no desporto. E conseguimos. Fomos a melhor nesse ano", recordou. No entanto, Paula Nogueira reconhece que a inclusão da cultura na programação foi importante para o sucesso. "Foi uma mais-valia, até porque o desporto pode ser educação e cultura. Fizemos também uma programação para o público mais intelectual e resistente à questão do desporto. E foram os mais resistentes que chegaram junto da nossa equipa a dar os parabéns. Fizemos uma exposição da história do desporto em Guimarães, com investigação e dois historiadores de renome. Foi um enorme sucesso, porque abrangeu todo o tipo de público. O ciclo de cinema e desporto, com o Cineclube, também foi fabuloso. Tivemos cinema, focado em diversas modalidades, como o futebol, o automobilismo e o pugilismo, entre outros. Tivemos uma programação cultural que fez a ponte entre a Capital Europeia da Cultura e a Cidade Europeia do Desporto. Foram iniciativas que uniram os amantes do desporto e da cultura", justificou.

Paula Nogueira destacou ainda outro momento importante. "A Cidade Europeia do Desporto permitiu ainda a Guimarães ganhar notoriedade no "Desporto para Todos", num circuito e numa rede que está instituída, por exemplo, ao nível do Erasmos + Sport. Os parceiros começaram a olhar para Guimarães e, desde 2013, fomos sempre parceiros discretos, mas muito ativos", assumiu.

Entre suor e lágrimas, Paula Nogueira recorda a dedicação ao projeto. "Foi muito duro. Trabalhamos 365 dias sem parar e ninguém foi de férias. Só paramos no dia do encerramento. E fizemos questão, nesse dia, de agradecer a toda a gente envolvida. Houve gente que fez diretas para que nada falhasse. Tivemos semanas com 20 eventos e uma semana só tem sete dias. Guimarães ganhou muito, mas houve gente que pagou uma fatura pessoal, familiar, profissional e académica muito grande".

Paula Nogueira fez ainda questão de enaltecer o papel de Amadeu Portilha. "Todo este sucesso deveu-se a uma pessoa, chamada Amadeu Portilha. A cidade de Guimarães deve muito ao Amadeu Portilha. Foi o líder e o motivador que percebeu quando estávamos a enfraquecer. Foi a primeira pessoa a acreditar, mesmo quando as coisas não corriam tão bem como queríamos. É uma pessoa geradora de paixões e inimizades, mas é um empreendedor e que adora Guimarães. Põe Guimarães acima de tudo e de todos".

DIREITOS RESERVADOS

LUÍS RODRIGUES: "FOI UMA ESCOLA DE VIDA"

TEXTO: VÍTOR JORGE OLIVEIRA • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

Luís Rodrigues, atual diretor adjunto da Tempo Livre, foi o elemento responsável, em 2013, pela organização dos grandes eventos.

À Mais Guimarães, o dirigente revela qual foi o grande triunfo da cidade. "Foi a afirmação que Guimarães conseguiu obter, no contexto nacional e internacional, como referência na promoção da atividade física do desporto. Guimarães sempre foi uma referência nesta área e, nesse ano, penso que conseguimos ter toda a projeção que era necessária para que o desporto fosse debatido e discutido e, dessa forma, alinhar políticas desportivas neste contexto nacional e a nível internacional", recordou.

Num ano cansativo e com vários eventos, Luís Rodrigues enumera os que deram maior trabalho. "Recordo-me de dois. O Campeonato Europeu de Boccia e a Festa Nacional da Ginástica. Foram dois eventos que nos marcaram, devido à sua dimensão e a toda a logística. Além disso, realizamos a Meia-Maratona Guimarães e o Rally, eventos que se realizaram pela primeira vez em 2013. Recordo-me também do Guimarães Open de Ténis, que se realizou apenas nesse ano. Foram eventos que deixaram a sua marca e que, efetivamente, do ponto de vista logístico, nos obrigaram a um trabalho acrescido, mas de enorme satisfação. Tiveram impacto na comunidade local, nacional e internacional", justificou.

Num ano considerado "excecional", Luís Rodrigues destacou a quantidade e qualidade de eventos realizados. "Foi um ano que passou a correr, mas que do ponto de vista pessoal e profissional, foi uma escola de vida. O resultado final foi muito satisfatório e fomos considerada a melhor Cidade Europeia do Desporto, no primeiro ano em que Portugal teve uma Cidade Europeia do Desporto. Realizamos 175 eventos em 35 modalidades, abrangemos 168.500 participantes, mais de 30 mil atletas e tivemos mais de 137 mil espetadores. Integramos também cerca de 1.300 voluntários".

VOLUNTÁRIOS, "UM GRANDE MOTOR DE MOVIMENTO"

TEXTO: JOANA MENESES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

O voluntariado para a CED2013 foi contemplado na candidatura de Guimarães a Cidade Europeia do Desporto como um dos elementos estruturantes da mesma. "Com base em alguma experiência acumulada e especializada, tornou-se possível gerir com relativa naturalidade uma bolsa de voluntariado, que rapidamente avançou e se estruturou numa dinâmica extraordinária de vontades e dedicação", lê-se no relatório de atividade de Guimarães 2013.

Helena Alves foi voluntária e vê 2013 como "um dos melhores anos" da sua vida. Lembra-se de estar constantemente entusiasmada pelo evento que se seguia. "Queria saber curiosidades sobre os atletas, perceber as diferentes modalidades e acrescentar valor aos eventos", enumerou.

Uma década depois, Ana Raquel Martins percebe que os voluntários "são a imagem destes eventos, muitas vezes" e, "para além da componente logística (e não só), onde cada pessoa voluntária desempenhou o seu papel de forma bastante responsável e, por vezes, sem muita visibilidade, a forma positiva como as pessoas interagiam entre si, creio que acabava por se repercutir na dinâmica e no retrato que ficou das atividades".

Já passaram 10 anos, é certo, e também é certo que às vezes a memória falha e as coisas deixam de estar tão presentes. Amélia Catarina tinha 15 anos quando foi voluntária na Cidade Europeia do Desporto, era uma das mais novas do grupo, mas nem isso tornou a experiência menos especial. "Criar amizades com pessoas mais velhas ajudou a abrir horizontes, ouvir outras opiniões, formas de pensar e estar, ouvir histórias... No meu caso, só sinto que foi enriquecedor", disse à Mais Guimarães.

Esta questão da diferença de idades, lembra Ana Raquel, "poderia ser mote para alguma divergência", mas nunca sentiu isso ao longo daquele ano. "As maturidades emocionais eram diferentes, certamente, e foram fonte de bastante aprendizagem. Se, por um lado, pessoas mais velhas traziam experiência e calmaria, por outro, também nós, enquanto jovens e adolescentes, levávamos algum caos, no bom sentido da palavra, também ele necessário, por vezes, e leveza na resolução dos problemas", explica recordando que ainda não tinha 18 anos e que criou ligações com pessoas de várias idades.

As amizades feitas "e que ficam para a vida" parecem ser destaque para todos os voluntários com quem a Mais Guimarães falou. Paulo Monteiro garante ter sido dos melhores anos que teve "em termos de relacionamentos com pessoas". Consigo levou a filha, Cátia Monteiro, para quem a importância dos voluntários foi "imensa, pois muitos dos eventos acarretavam várias responsabilidades e sem os voluntários muitos não teriam sido realizados".

O facto de não haver diferenciação entre os mais jovens e os mais experientes foi, para Helena, uma das chaves para o sucesso. "O ambiente que se vivia nos bastidores era inexplicável", diz relembrando aquilo que diziam muitas vezes: "Guimarães não pára... e nós também não!". Uma frase que facilmente justifica com o facto de viverem todos os eventos "com muita vontade de fazer acontecer com qualidade".

18.500 HORAS DE VOLUNTARIADO

Para Paulo, que fez "centenas de horas de voluntariado com muito orgulho", os "voluntários foram um grande motor de movimento da Cidade Europeia do Desporto".

Destaca o campeonato de atletismo, a final da taça de Portugal em futsal, a final dos Jogos da Comunidade, os Jogos do Eixo Atlântico, a Feira Afonsina, e o Open de Guimarães. Este último foi um dos eventos que grande parte dos voluntários destacam. Foi aquele que mais marcou Helena. Para uma miúda de 18 anos, "um torneio internacional era maravilhoso" e existia um vasto leque de atividades para os voluntários: acreditação, apanha bolas, entrega de prémios.

Lembra-se que se divertiram "muito nos campos de ténis livres - e talvez com o insuflável que existia à entrada do recinto -" e assegura que queriam "proporcionar uma excelente experiência aos atletas e às suas equipas", tendo "vibrado muito com o (nosso) João Sousa".

Apesar de acreditar que foi o evento que exigiu mais de si, Ana Raquel acredita que o Guimarães Open trouxe "algo de novo para a cidade". "Para os voluntários, o contacto com atletas de alta competição, muitos deles, seus ídolos, foi algo altamente motivacional", frisa. Um evento que recorda "pela exigência, pelo resultado final", mas também pelo prazer que sentiu em trabalhar, naquela semana, enquanto voluntária.

"Guimarães não para" foi a frase que marcou aqueles quase 365 dias. Na perspetiva de Cátia, a cidade berço continua a não parar. "Desde 2013 as modalidades desportivas já existentes na cidade evoluíram e desde aí foram acolhidas novas e que já nos deram títulos", justifica.

Ana Raquel acredita que Guimarães está "a progredir no sentido de criar mais oportunidades e incentivos à prática desportiva". Contudo, lamenta que a dinamização de eventos desportivos não seja tão frequente e tão frequentemente publicitada. "Tenho pena que algumas das atividades que se realizaram no ano de 2013 não tenham tido continuidade. O Guimarães Open é uma delas", exemplifica.

Não deixa, porém, de referir que, "para além do seu slogan, a Capital Europeia do Desporto, pretendia gerar oportunidades de prática desportiva mais sustentáveis e inclusivas e, neste sentido, Guimarães pode e deve fazer jus ao slogan de 2013, e não parar. Há sempre muito trabalho a fazer neste sentido".

"O dinamismo é palavra de ordem" na opinião de Ana Raquel e "é algo que Guimarães deve procurar perpetuar no futuro, porque, efetivamente, gera crescimento da cidade nas suas várias vertentes".

CELEBRAÇÕES DA CED APONTAM OBJETIVOS PARA 2030

ENTREVISTA: JULIANA MACHADO • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

Há 10 anos, por esta altura, Guimarães recebia o título de Cidade Europeia do Desporto, com o mote "Desporto para Todos". Uma década depois, é tempo de fazer um balanço do concelho em termos desportivos e apontar um caminho de futuro.
Em entrevista à Mais Guimarães, Nelson Felgueiras, vereador do Desporto na Câmara Municipal de Guimarães, adianta que o programa das comemorações ainda não está fechado, mas terá como objetivo envolver toda a comunidade em torno da prática desportiva.

Quais as principais recordações que tem da CED?

Há 10 anos estava a terminar os meus estudos, em Coimbra, na Faculdade de Direito, onde me licenciei. Estava, portanto, entre Coimbra e Guimarães. Era um ex-atleta porque até ao ensino secundário, de uma forma informal, sempre pratiquei desporto. Nessa altura, na universidade, tive menos oportunidade de o fazer, mas recordo o ano de 2013 como um ano de uma forte marca do desporto e de afirmação sobretudo de Guimarães.
À época estávamos a sair também de uma Capital Europeia da Cultura. 2012 também foi profundamente marcante para Guimarães, e, logo de seguida, a Cidade Europeia do Desporto. Acho que nós, em Guimarães, temos tido a capacidade de afirmar a identidade do nosso território através de diversas causas e o Desporto foi, em 2013, um grande momento de celebração e de afirmação do desporto em Guimarães, com uma capacidade enorme de envolver os clubes, os agentes desportivos, mas sobretudo as pessoas comuns. Desde aí foram criadas uma série de oportunidades à volta do desporto para a população de Guimarães e não só.

A programação, naquela altura, reuniu um conjunto de atividades que foram muito além da competição. O que é que podemos esperar das celebrações este ano?

Neste momento, estamos mesmo em fase de conclusão do programa de comemorações. Brevemente iremos anunciá-lo publicamente. O objetivo passa por várias dimensões. Em primeiro lugar, naturalmente, uma evocação e celebração daquilo que foi a CED, em 2013. Queremos celebrar esse momento, que foi muito importante para o concelho de Guimarães, mas queremos também aproveitar essa oportunidade para lançar o desporto para os próximos dez anos. O mote passará pelo Desporto em Guimarães 2030. Temos, neste programa que estamos a desenhar, o objetivo de ter um ciclo de reuniões e conferências, espalhados por todo o território, de forma a envolver toda a comunidade, desde os agentes desportivos, população em geral, autarquias locais e instituições.

O objetivo é, enquanto comunidade, olharmos e pensarmos o desporto que temos atualmente em Guimarães, mas, sobretudo, o desporto que queremos projetar para o futuro. Teremos, naturalmente, uma programação muito dirigida para o presente. Os números que temos mostram que Portugal está na cauda da Europa no que à prática de atividade física diz respeito e aquilo que queremos, em Guimarães, é dar um contributo para que este número se inverta e para que se criem condições para que cada vez mais pessoas pratiquem atividade física. Há uma dimensão académica, do pensamento do Desporto em Guimarães, uma vez que queremos reativar o processo do Plano Municipal da Atividade Física. Portanto, vamos levar à prática um conjunto de iniciativas com vista a, no final de 2023, ou seja, no ciclo de celebrações da CED, termos um documento estratégico preparado para o futuro do desporto. Teremos iniciativas com uma periodicidade mensal, no mínimo. Será um programa bastante completo, ambicioso e robusto.

Mencionou que as celebrações em 2013 ficaram marcadas pelo envolvimento do cidadão comum. Com essa periodicidade mensal de atividades, o objetivo passa por manter essa mesma linha para que mais pessoas comecem a praticar desporto em Guimarães?

Sim, sem a mínima dúvida. Esse é um dos objetivos não só destas comemorações, mas deste mandato do senhor presidente da Câmara, Domingos Bragança, que tem tido, de forma transversal na definição de políticas públicas municipais, este objetivo de dar resposta a toda a população de todo o concelho, independentemente da área geográfica onde habitam ou trabalham, independentemente da idade ou da condição socioeconómica. É assim no desporto e na política municipal que nós definimos de forma regular, através do apoio que damos aos clubes e associações desportivas para que tenham uma componente de formação. Também os próprios programas municipais, quer protagonizados pela Câmara Municipal, quer dinamizados pela Tempo Livre, pretendem fazer com que o desporto chegue a todos. As comemorações partilharão desta mesma lógica que é quase endógena do ADN daquilo que é definição das políticas públicas do desporto em Guimarães.

Em Guimarães temos uma rede fortíssima de clubes e associações com muita tradição, com muito peso na sociedade, e que estão ao nosso lado a lutar por um desporto mais inclusivo, mais

DIREITOS RESERVADOS

DIREITOS RESERVADOS

participado e com maior qualidade no concelho de Guimarães.

Aquando dessa altura foram traçados alguns objetivos para o futuro. Entre eles acolher competições internacionais de referência, bem como apoiar novos talentos desportivos. Essas metas foram alcançadas?

Porventura sou suspeito para falar do assunto, mas na perspetiva de alguém que, em 2013, não tinha as funções que atualmente tenho, acho que é absolutamente evidente o salto que Guimarães deu no que ao desporto diz respeito.

Guimarães já tinha uma forte presença e uma forte marca e por isso mesmo é que em 2013 tivemos a capacidade de ser Cidade Europeia do Desporto. Esta viagem, nos últimos dez anos, permitiu a Guimarães qualificar-se numa série de dimensões.

Não passemos a ideia de que está tudo feito ou que está tudo perfeito, mas a verdade é que é reconhecido por todos nós, e também do ponto de vista externo, que temos excelentes condições de infraestruturas e de equipamentos para recebermos provas de âmbito nacional e internacional. Temos uma capacidade de organização que nos é reconhecida. Fico satisfeito em perceber que as organizações querem fazer provas desportivas em Guimarães, nomeadamente federações nacionais e internacionais. A experiência que tiveram é que provas que se organizaram em Guimarães correram bem, tiveram um bom suporte, um bom apoio de pessoas que têm experiência na organização de eventos. Isso também lhes dá tranquilidade e segurança para apostarem em trazer essas competições para Guimarães. É um trabalho que nos deixa satisfeitos e que coloca Guimarães na linha da frente para receber estas competições internacionais. São provas que trazem grande visibilidade ao concelho, a par de uma maior dinâmica e energia na prática desportiva. Não são eventos que vão embora e que não deixam marca. Pelo contrário, deixam uma marca muito forte e o desporto também deve ter esse papel de afirmação da comunidade de uma cidade como Guimarães.

Nos últimos anos assistimos ao nascimento e crescimento de clubes femininos e desportos adaptados. Considera que há cada vez mais inclusão no desporto vimaranense?

É evidente. Aliás, no programa de comemorações faremos tam-

PUB

bém esse levantamento e apresentação da caracterização do desporto em Guimarães.
Isso vai-nos permitir, através de dados factuais trabalhados com vista académico, demonstrar uma perceção empírica daquilo que todos nós que acompanhamos o desporto já nos apercebemos. Ou seja, que hoje há mais desporto inclusivo, temos projetos que surgiram dedicados ao desporto inclusivo, mas também projetos que já existiam e que passaram a ter também essa nova vertente. Isso é uma dimensão muito importante e que nós queremos aprofundar. Aliás, do ponto de vista da atuação da Câmara Municipal de Guimarães existe essa aposta e esse apoio diferenciado aos projetos desportivos que tenham a questão da inclusão associada, mas também a questão do género. Trata-se de um objetivo que já assumimos como prioritário, que é termos cada vez mais um desporto paritário do ponto de vista do género dos seus praticantes. Percebemos que há modalidades que têm mais meninas e outras modalidades que têm mais meninos. Aquilo que queremos é que seja cada vez mais equilibrado, mas para isso também é preciso que, por um lado, os próprios clubes façam essa aposta, e, por outro lado, que existam condições reais para que essa aposta aconteça.

Há ainda uma outra dimensão: a sustentabilidade ambiental no desporto. Cada vez mais percebemos que o ecossistema desportivo, em Guimarães, está mais alerta e está a fazer esse caminho da transição energética e da transição ambiental. Por um lado, cruza-se com os objetivos gerais que temos para o município de Guimarães, que são objetivos também internacionais, e que colocam Guimarães na vanguarda no que diz respeito a essa transformação da comunidade através do desporto. O programa municipal Desporto Carbono Zero diria que é a imagem perfeita daquilo que nós queremos como realidade no concelho de Guimarães para a próxima década.

Falando das modalidades, não podemos, obviamente, deixar de falar no futebol. Esta continua a ser a modalidade em que existe uma maior aposta. De que forma é que o município vê a possibilidade de alargar estas grandes apostas a outras modalidades?

Eu confesso que essa é uma das questões que, no exercício das minhas funções, me deparo mais. Confronto-me a mim mesmo sobre como lidar com essa realidade que temos em Guimarães, no país e na generalidade dos países europeus, que é a circunstância de o desporto ser, muitas vezes, o futebol. É preciso percebermos que o desporto não é só futebol. A primeira ideia que me assalta é que temos que criar condições para que os outros desportos também possam florescer. Temos que criar condições do ponto de vista das infraestruturas, do próprio apoio que damos aos clubes que promovem estes desportos, mas também nas escolas no sentido de darmos a experiência e experimentação para que as nossas crianças tenham esse contato com as modalidades. As pessoas só praticam o desporto que conhecem e, portanto, se não tiverem esse conhecimento, não o vão fazer naturalmente.

Sabemos também que a circunstância da generalidade da população querer praticar futebol também não deve ser combatida. Não é uma coisa que é má. Ou seja, na reflexão que muitas vezes faço sobre que papel e que atuação estou a ter sobre esse fenómeno, aquilo que eu tenho encontrado como ponto de equilíbrio é a criação de condições para o resto das modalidades serem mais praticadas, para as pessoas terem essa possibilidade real, mas também vamos continuar a dar o apoio ao futebol, até porque o futebol também é desporto e não devemos combater a prática do futebol.

Este é um equilíbrio com recursos limitados, com escolhas a fazer. Às vezes é difícil, mas eu confesso que é algo que tenho tentado, neste objetivo geral, que é ter cada vez mais pessoas a praticar desporto e atividade física, seja futebol ou outras modalidades. Guimarães também tem sido exemplo, com o crescimento de muitos clubes, nos últimos anos, e alguns com uma expressão e um crescimento exponencial até de modalidades que não eram praticadas em Guimarães. Estou a pensar na questão da ginástica, na patinagem ou nos desportos de combate e artes marciais, que eram desportos que tradicionalmente não existiam em Guimarães e agora existem como uma grande expressão. Esse é o caminho que é possível caminhar com sucesso.

Considera que há um desporto para cada pessoa, apenas tem de ser encontrado?

Acho que sim, até pode haver mais que um. Aquilo que nós temos que criar, enquanto comunidade, é precisamente essa possibilidade de cada um se realizar no desporto da forma que consiga. Aquilo que nós temos é de criar condições para que as pessoas possam praticar o desporto que as realiza e que as faz sentir bem. Há também outra dimensão importante que é a diferenciação entre o desporto e atividade física. Muitas vezes falamos em desporto, num sentido mais amplo, mas aquilo que nós queremos é que as pessoas tenham atividade física, que se mexam e que criem bem-estar através do desporto.

Desde há 10 anos, muito mudou no desporto. Hoje falamos de

DIREITOS RESERVADOS

Street Basket, skates, dança e arte urbana. Como é que Guimarães tem acompanhado estas tendências?

Tem acompanhado com proximidade, com muito interesse e com muito entusiasmo. A perspetiva que nós temos do desporto não é uma perspetiva limitadora de que o desporto é só à volta das quatro linhas.

A perspetiva que temos é mais transversal, do ponto de vista da realização na vida das próprias pessoas, daquilo que pode mudar na saúde e no bem-estar, da socialização e dos valores que o desporto transmite e que não são atingidos noutro lado qualquer. É só no desporto que conseguimos ir buscar algumas lições importantes para a nossa vida.

Também do ponto de vista da transformação do território, temos feito o caminho de pensar no espaço público e na sua integração no espaço público. Percebemos que cada vez mais há uma aposta na criação de espaços de prática de atividade física em contexto informal. Um bom exemplo é a ecovia, em que aliamos a vertente ambiental, com a recuperação das margens dos rios, e ao mesmo tempo criamos um equipamento que é para a prática de atividade física.

Temos um projeto de levantamento, neste momento, de Street Basket. A perspetiva que temos é que esse espaço de prática de atividade física possa ser também um gatilho para a recuperação urbana. Essa é uma leitura alargada do desporto, com a comunidade que o envolve, associada a uma maior responsabilização. É precisamente essa a visão mais completa daquilo que deve ser o desporto numa centralidade de definição de políticas públicas para o concelho de Guimarães, enquanto elemento transformador na sociedade.

Fala-se muito na inclusão do desporto desde tenra idade, mas este também é fulcral na terceira idade. Os mais idosos em Guimarães têm uma vida ativa?

Os idosos têm uma vida ativa. É uma das franjas da população que naturalmente nos merece maior atenção e para a qual eu penso que temos sido inovadores e criativos na criação de respostas. Sobretudo os programas definidos em articulação da Câmara Municipal com a Tempo Livre, temos programas muito engraçados e com resultados muito reais na vida dos mais idosos. Também os próprios clubes começam a fazer essa aposta, naquilo que oferecem do ponto de vista da sua prática. Em Guimarães estamos a ser pioneiros no Walking Handball e o Walking Football, que é um sucedâneo da modalidade "mãe" do andebol e do futebol, direcionado ao público sénior. É uma pequena adaptação da forma de praticar desporto que chama e convoca os mais idosos a manterem-se ativos e saudáveis. É uma das coisas para a qual temos estado a desenhar respostas.

Guimarães já foi Capital Europeia da Cultura e Capital Europeia do Desporto. Enquanto vereador da Juventude, alcançar o estatuto de Capital Europeia da Juventude é uma ambição?

Acho que é uma porta que devemos deixar aberta e acho que é um objetivo interessante. Nós estamos marcadamente no caminho da Cidade Europeia, e, portanto, essa é a prioridade das prioridades, mas de facto tudo se cruza. Acho que esta capacidade que nós temos tido de colocar bandeiras como objetivo comunitário são importantes, sobretudo pela transformação e pelo caminho que nos obriga a fazer na nossa comunidade. Diria que quando fomos Capital Europeia da Cultura, em 2012, mais importantes do que o próprio ano ou o título, foi aquilo que possibilitou antes e depois, para um território mais atento à cultura. Na Cidade Europeia do Desporto, em 2013, exatamente a mesma coisa. Destacam-se as transformações provocadas e os resultados que se atingiram.
O caminho que temos feito para ser Cidade Verde Europeia, já o sentimos, já percebemos a mudança no nosso território e na nossa qualidade de vida e mentalidade. Ainda não tivemos esse tipo que procuramos, mas tudo o que forem causas, bandeiras e objetivos que possam transformar o nosso território e a nossa vida para melhor, como seria, por exemplo, o objetivo de sermos Cidade Europeia da Juventude, acho que são objetivos desses que nós vimaranenses gostamos e que apontamos.

BREVES E INTERESSANTES

© DIREITOS RESERVADOS

TESTE SANGUÍNEO PARA DIAGNOSTICAR DOENÇA DE ALZHEIMER

Um grupo de cientistas desenvolveu um teste sanguíneo que torna o diagnóstico menos doloroso, mais barato e mais eficiente. Se for validado, o teste poderá acelerar os diagnósticos e acelerar o começo dos tratamentos.

Sem a necessidade de imagens caras ao cérebro ou picadas dolorosas, este teste é feito a partir do sangue do paciente, detetando uma forma particular da proteína tau, específica da doença de Alzheimer.
Depois de estudarem o teste sanguíneo em 600 pacientes, os cientistas vão agora validar o teste numa amostra mais alargada de pacientes, com origens diferentes, e em várias fases da doença.

©DIREITOS RESERVADOS

TWITTER SUSPENDE RECURSO DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO

A meio de mudanças, o Twitter acabou por suspender um recurso de prevenção ao suicídio. O objetivo é melhorar o #ThereIsHelp, um recurso que indicava aos utilizadores linhas diretas de prevenção.

Musk negou que o Twitter tenha removido o recurso. "A mensagem ainda está ativa. Isso é uma notícia falsa", escreveu, acrescentando que "o Twitter não impede o suicídio". Ella Irwin avançou que a rede social deverá adotar uma abordagem semelhante à usada pela Google nestes casos, dada a eficácia do seus sistema. O desaparecimento do banner #ThereIsHelp, mesmo que por tempo limitado, gerou críticas por parte de alguns defensores da segurança do consumidor.

© DIREITOS RESERVADOS

AVATAR 2: MAIS DE MIL MILHÕES DE DÓLARES

O segundo Avatar de James Cameron, que chegou às salas em dezembro, já ultrapassou os mil milhões de dólares de faturação nas bilheteiras. Passou à frente de estreias muito aguardadas.

Considerando a faturação nas bilheteiras das novidades de 2022, "Avatar 2: O Caminho da Água" conseguiu o terceiro lugar do pódio, imediatamente atrás de "Mundo Jurássico: Domínio" (1.003 milhões de dólares) e "Top Gun: Maverick" (1.489 milhões de dólares).
Para James Cameron, este "tem de ser o terceiro ou quarto filme mais bem-sucedido da história. Esse é o seu limite. Esse é o seu ponto de equilíbrio".

GUIMARÃES FESTEJOU REIS À MODA DA PASSAGEM DE ANO

FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

"TRÁFICO HUMANO EXISTE EM TODOS OS LOCAIS E ESTÁ BEM MAIS PERTO DO QUE IMAGINÁMOS"

ENTREVISTA: JULIANA MACHADO • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

De acordo com dados do Observatório do Tráfico de Seres Humanos, a sinalização de vítimas de Tráfico de Seres Humanos tem aumentado em Portugal. Em 2020, foram efetuadas 229 sinalizações, 29 das quais de menores, com uma média de idades de 12 anos. Comparando com 2019, o total de sinalizações diminuiu em 52 registos, mas isso não é sinónimo de que o crime tenha diminuído.

Enquanto país de destino, Portugal teve, em 2020, 80 vítimas sinalizadas, que se encontravam em Santarém em exploração laboral, com condições de trabalho abusivas. Enquanto país de origem, houve 40 vítimas sinalizadas, com Espanha a ocupar o lugar de país com maior probabilidade de exportação. Foram também registados 41 crimes de Tráfico de Seres Humanos pelos Órgãos de Polícia Criminal. São menos 40 crimes face ao ano 2019.

Em Portugal, a maior parte das vítimas sinalizadas são do género masculino e adultas. São maioritariamente exploradas para fins laborais. As vítimas do género feminino adultas estão mais associadas ao tráfico para exploração sexual.

Em entrevista à Mais Guimarães, Marta Pereira, coordenadora nacional das respostas de assistência a vítimas de Tráfico de Seres Humanos da Associação para o Planeamento da Família (APF) Norte, explica de que forma é que a associação tem tido um papel ativo na identificação e proteção destas vítimas. A responsável ressalva ainda que é fundamental "o olhar atento e capacitado da população em geral para perceber os sinais e indícios deste crime".

De que forma é que a APF Norte começou a desenvolver a sua ação no combate ao tráfico humano?

A APF – Associação para o Planeamento da Família, pela sua larga experiência de intervenção junto de pessoas que exercem trabalho sexual, nomeadamente através do projeto Espaço Pessoa que intervêm na cidade do Porto desde 1997, constituiu-se parceira do Projeto CAIM (2004-2009). Este foi um projeto piloto em Portugal sobre tráfico de mulheres para exploração sexual, financiado pela Iniciativa Comunitária EQUAL, o qual impulsionou o atual modelo de referenciação nacional, a legislação em vigor e as medidas de política.

Em conjunto com a Comissão para a Igualdade de Género (CIG) construiu e reviu os manuais que agora se espelham nas práticas de intervenção criadas a nível nacional: Modelo de Sinalização-Identificação e Integração de vítimas de Tráfico de Seres Humanos (TSH) e Kit de Formação. Da mesma forma, realizou a disseminação dos mesmos junto a profissionais com intervenção direta ou indireta no fenómeno, junto às forças de segurança e magistrados.

Desde essa altura, a sensibilização e formação de agentes de entidades governamentais ou não governamentais, assim como junto à comunidade em geral tem sido uma constante, contando-se uma inúmera experiência em ações de formação para públicos tão diversificados como as forças de segurança, profissionais da área social, da saúde, do exército, das redes sociais concelhias, de outras ONGs, de Instituições de Ensino, entre outros.

Mais ainda, a APF constitui-se como ONG de referência em projetos transnacionais, representando Portugal em redes parceiras, projetos e encontros de trabalho e troca de boas práticas, o que permite ter atualmente um conjunto de ONGs parceiras de diferentes países com as quais desenvolve um trabalho de articulação sempre que são sinalizados e assistidos casos de vítimas de TSH (sendo Portugal país de origem, de transito ou de destino) em que há necessidade de acolhimento, apoio no retorno assistido, contacto com familiares, partilha de informação, entre outros...

Desde 2008, a APF é também responsável pela gestão do CAP – Centro de Acolhimento e Protecção para mulheres e seus filhos menores vítimas de tráfico de seres humanos e da Equipa Multidisciplinar a nível nacional.

Para além da APF, assinaram o Protocolo de Colaboração para a criação deste Centro, as seguintes entidades: Presidência do Conselho de Ministros (PCM), do Ministério da Administração Interna (MAI), do Ministério da Justiça (MJ), do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (MTSS), representado pelo Instituto da Segurança Social (ISS).

Este Centro de Acolhimento e Proteção (CAP) é a primeira valência criada neste domínio. Uma resposta de âmbito nacional que funciona em permanência, 24 horas por dia e durante os 7 dias da semana. A sua localização é confidencial e móvel, atendendo à necessidade constante de garantir condições de segurança, estabilidade e bem-estar das pessoas acolhidas.

A equipa afeta ao CAP detém uma intervenção direta ao nível das questões relacionadas com o apoio psicológico, médico, social e elaboração e implementação do Processo individual de cada vítima sinalizada, identificada e acolhida como vítima de TSH. É também responsável pelo encaminhamento para programas de apoio especializados de forma a contribuir para a autonomização e empoderamento de cada mulher, bem como pelo retorno assistido ao país de origem, no caso de ser uma opção segura para a vítima. Esta Equipa conta com a colaboração dos OPC, para a planificação e execução da proteção pessoal das vítimas.
A equipa desenvolve, ainda, ações de acompanhamento, designa-

PUB

das de pós-saída. Estas atuações pretendem por um lado obter feedback relativo às trajetórias de vida e ponto de situação face aos percursos das utentes já autonomizadas e, por outro reforçar o apoio técnico caso surjam necessidades aos mais diferentes níveis, sejam eles de foro psicológico, social, jurídico ou outros.

Desde 2012 que a APF presta assistência especializada aos vários tipos de vítimas de TSH através de 5 Equipas Multidisciplinares Especializadas Regionais (EME) - Norte, Centro, Lisboa, Alentejo e Algarve. Estas cinco equipas levam a cabo uma intervenção direcionada para a assistência a vítimas de TSH a nível regional, atuando numa ótica de proximidade e articulação com diversos intervenientes locais nos processos de sinalização, identificação e integração de presumíveis vítimas.

Estas equipas têm permitido uma intervenção descentralizada e especializada na identificação e apoio a vítimas de TSH e uma maior capacitação e sensibilização para o fenómeno.

Disponibilizam ações de (in)formação quer junto a diversos grupos de profissionais quer junto à população em geral. Da intervenção destas 5 Equipas foram criadas as 5 Redes Regionais de Apoio e Proteção a Vítimas de Tráfico de Seres Humanos, as quais integram parceiros de entidades governamentais e não governamentais assim como as forças de segurança, por forma a uma agilização na comunicação e trabalho regional em rede.

Em 2019, a APF assume a gestão de mais um CAP, este para homens e filhos menores vítimas de TSH.

No decorrer do ano de 2019 deu, novamente mais um passo inovador e pioneiro em Portugal com a abertura da primeira Estrutura de Autonomização para Vítimas de Tráfico de Seres Humanos. Esta tem como finalidade, facilitar a transição de uma resposta de acolhimento mais protegida para uma autonomização, de forma estruturada e faseada das vítimas de TSH, mediante acompanhamento técnico e desenvolvimento de competências, designadamente de gestão doméstica e financeira, de sociabilização, de empregabilidade e emprego /formação. Ao mesmo tempo que se promove na comunidade a integração de pessoas mais competentes e empoderadas, o sistema de resposta às vítimas de TSH passa a contar com um maior número de vagas disponíveis em CAP. Acreditamos que esta será uma boa prática com potencial de replicação noutros pontos do país.

Pela vossa experiência, este é um crime que tem vindo a aumentar?

Penso que podemos afirmar que é um crime que começa a tornar-se menos oculto, que se tem agido no sentido de uma maior desocultação deste fenómeno, pela formação e informação de agentes especializados e da comunidade em geral. Dotar para a sinalização e para os procedimentos de atuação leva a mais sinalizações. Contudo, isto não pode não ser sinónimo que o crime esteja a aumentar, mas sim que estamos a dar conta que ele existe e a atuar devidamente para o travar. Mas ainda temos um longo caminho a fazer neste sentido, a desocultação deste crime e a capacitação da sociedade para atuar será a chave para o combate ao mesmo. Todavia, a conjuntura nacional, europeia e até mundial, o aumento da pobreza, os conflitos armados, as assimetrias e desigualdades facilitam o aumento de situações de Tráfico de Seres Humanos e facilitam processos de angariação de vítimas. Neste sentido, tem sido evidente nos últimos tempos a presença de mais sinalizações e com percursos e contornos diferentes.

Quantas pessoas costumam acolher por ano e qual é o processo de acolhimento?

A APF gere dois dos cinco Centros de Acolhimento existentes em Portugal, um para Mulheres e seus filhos/as menores, com capacidade para seis pessoas e outro para homens e seus filhos/as menores, com capacidade para 12 pessoas. O número de acolhimentos anual é sempre muito variável, uma vez que depende do tempo que cada pessoa necessita para a sua estabilização e futura autonomização. Todavia, desde a abertura destes centros foram acolhidas um total de 179 sobreviventes do crime de TSH.

Pela vossa experiência, de que forma é que estas pessoas refazem as suas vidas?

A intervenção levada a acabo por estas equipas tem sempre como primeira finalidade a proteção das pessoas identificadas como vítimas deste crime e por isso sempre que necessário serão acolhidas nos Centros de Acolhimento e Proteção com localização confidencial e todas as normas de segurança necessárias para o maior sigilo possível de toda a situação.

Nestas respostas especializadas, as equipas intervêm no sentido de permitir a estabilização física, emocional e psicológica das pessoas acolhidas. Neste sentido os Centros asseguram as condições de suporte de vida, que lhes permitam potenciar o sentimento de confiança, segurança e estabilidade, proporcionando os cuidados adequados às suas necessidades, interesses e potencialidades. Os CAP apresentam-se como uma oferta multidisciplinar, com respostas de apoio psicossocial, psicoterapêutico, jurídico, médico e de encaminhamento assistido (nos casos em que as vítimas pretende o retorno aos sues países de origem), desenvolvimento de atividades promotoras de socialização, atividades de lazer (culturais, lúdicas e recreativas), educação/formação profissional e integração no mercado de trabalho, sempre com o objetivo de uma autonomização capaz, empoderada, segura e concertada para evitar novos processos de vitimação e de retráfico.

Sabemos que o CAP vai mudando a sua sede...

Estas mudanças estão relacionadas com a questão anterior, uma vez que a necessidade de proteção das pessoas sobreviventes do crime de TSH é o pilar principal da intervenção destas equipas, pela natureza do crime, porque muito frequentemente as pessoas sobreviventes ao TSH são procuradas pelos seus traficantes e exploradores/as com intenção de as silenciar, de não permitir que testemunhem em processos judiciais e/ou porque querem que retomem às redes de Tráfico.

Face a isto, inevitavelmente os CAP têm de ter regras de segurança muito rígidas, a localização destas estruturas tem de ser confidencial e todos os processos sigilosos. Estas regras têm de ser cumpridas ao pormenor e sempre que haja uma fuga de segurança pode surgir a necessidade de uma alteração da localização da estrutura. No caso do nosso CAP de mulheres já foi necessário relocalizar a estrutura 3 vezes, de forma a mantermos o sigilo e proteção indispensáveis para esta resposta.

Costumam receber denúncias? Trabalham em conjunto com as autoridades?

Sim, as Equipas Multidisciplinares Especializadas Regionais gerem 5 linhas telefónicas 24h de resposta a sinalizações de TSH, pelo que recebem muito frequentemente denúncias deste crime e trabalham sempre de forma muito próxima com as autoridades. Para tal, estão nomeados pontos focais na área do TSH em cada Órgão de Polícia Criminal (OPC) com os quais as EME articulam sempre que necessário e vice-versa.

As EME acompanham frequentemente operações policiais e inspetivas, colaborando com as diferentes entidades, nomeadamente PJ, SEF, GNR, PSP, ACT. Sempre que o OPC tem suspeita da existência de indícios de tráfico de seres humanos para as diferentes formas de exploração e a presença de presumíveis vítimas na operação em curso, articula com as nossas equipas no sentido de poderem acompanhar. Assim, as EME poderão focar a sua intervenção na vítima, na avaliação das suas necessidades, na sua estabilização física, emocional e psicológica, capacitar para os seus direitos e deveres e iniciar a preparação para uma recolha de testemunhos mais capaz e empoderada. Permite, assim que os OPC e entidades inspetivas se possam focar na investigação, detenção de arguidos, recolha de prova e informação fulcral para os processos judiciais futuros.

De que forma é que as localidades com mais casos identificados representam (ou não) os locais onde existe mais tráfico humano?

Considero de real importância desconstruir que o TSH é algo dos "outros" e salientar que Tráfico Humano existe em todos os locais e que está bem mais perto de nós do que muitas vezes imaginamos, que é um fenómeno que pode acontecer em todas as regiões e que a não sinalização de vítimas e de casos de TSH em determinada localidade/município pode significar apenas pouca formação, informação e capacitação para a sinalização deste crime, que ainda é tão oculto. Aumentar o número de sinalizações, aumenta o número de assistência às vítimas, aumenta os casos em investigação, que podem culminar num aumento de penas aos traficantes e exploradores, que é o que ajudará a travar este fenómeno tão hediondo.

O que é que as pessoas podem fazer caso tenham suspeitas deste crime? Que apelo é que gostaria de deixar?

Tráfico de Seres Humanos é um Crime Público, logo é nosso Dever sinalizar qualquer situação que possa levantar suspeitas, raramente as vítimas conseguem pedir ajuda, por vezes têm dificuldade em se reconhecerem como tal, têm muito medo de represálias contra si contra os seus familiares, receio dos OPC, desconhecem as leis, serviços e procedimentos de resposta.

Neste sentido é fundamental o olhar atento e capacitado da população em geral para perceber os sinais e indícios deste crime e os procedimentos para a sinalização, que poderá ser feita através de um OPC, de queixa eletrónica ou diretamente às EME. Reforço que estas denuncias poderão ser anónimas e deixo os contactos das EME que estão disponíveis 24 horas.

EME

EQUIPAS MULTIDISCIPLINARES ESPECIALIZADAS PARA A ASSISTÊNCIA A VÍTIMAS DE TRÁFICO
REGIONAL SPECIALIZED MULTIDISCIPLINARY TEAMS FOR THE ASSISTANCE OF THB VICTIMS

EME NORTE 918 654 101 apf.sostshnorte@gmail.com
EME CENTRO 918 654 104 apf.sostshcentro@gmail.com
EME LISBOA 913 858 556 apf.sostshlisboa@gmail.com
EME ALENTEJO 918 654 106 apf.sostsh.alentejo@gmail.com
EME ALGARVE 918 882 942 apf.sostshalgarve@gmail.com

O QUE ESPERAR DE 2023?

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

ECONOMIA
POR RUI ARMINDO FREITAS

2023, um ano desafiante
Escrever sobre o futuro em Economia é interpretar hoje os sinais que podem ditar o amanhã, tendo por certo que o futuro amanhã já terá uma perspetiva diferente, moldada pelo dia que hoje passou. Assim, ao dia de hoje 2023 apresenta-se como o ano mais desafiante dos últimos anos, desde logo porque teremos o menor crescimento global dos últimos anos e grande parte das economias ocidentais à beira da recessão. A inflação abrandará o ritmo, mas tão cedo não estará no objectivo dos 2% convencionado na generalidade das economias desenvolvidas, e as taxas de juro tão cedo não voltarão aos valores que conhecemos na última década. A nossa região terá grandes desafios uma vez que pela sua composição quase "mono sectorial" faz com que seja mais vulnerável em alturas de crise, acrescendo uma crise energética motivada pela guerra ainda sem fim à vista, e com os necessários, mas também pesados custos da transição energética. A nível geoestratégico, o reposicionamento das relações China/EUA, prometem continuar a alterar equilíbrios pelo mundo fora, alguns benéficos para a nossa região, mas menos globalização também trará novos desafios. A incerteza é o que temos de mais certo em 2023, mas não é isso que caracteriza o futuro?

CULTURA
POR JOÃO DE GUIMARÃES

O ano de 2023 será um ano decisivo no que toca a recuperar hábitos perdidos com a pandemia. O sector cultural e artístico foi um dos mais afectados.
Guimarães é muito forte nestas áreas. Tanto por impulso municipal, associativo, como pelo contributo dos artistas e cidadãos em geral. São inúmeros os casos de festivais, eventos, bandas, cantores, instrumentistas, compositores, grupos de teatro, escolas de dança, artistas plásticos, equipamentos culturais, etc., que fazem de Guimarães um ponto de partida de criação assim como um marco incontornável no mapa artístico nacional e internacional. Uma forma de vida que nos enche de orgulho.
O público é a cereja no topo do bolo. É imperativo que esteja cada vez mais exigente, formado e diversificado.
Cabe a cada um de nós, criadores e/ou consumidores, o papel de dar força a este mundo e de o fazer crescer a cada dia que passa.
Sejamos unidos, sejamos melhores, sejamos amor.

EDUCAÇÃO
POR RAQUEL ROBY

Acabamos de entrar em 2023 e, ao nível da educação, ainda há tanto para conquistar. Também não estaria a ser correta se disses-se que nada foi feito até então, no entanto, é importante olharmos para a educação de um ponto de vista macro. A Sociedade está muito acelerada, parece que estamos sempre atrasados para tudo: para sermos os melhores, para sermos perfeitos, para fazermos mais. Esta é, também, a realidade das escolas, atualmente. Seria importante, nas idades mais infantis, a criança brincar mais, para se conhecer e explorar o mundo que a rodeia. No mesmo sentido, nas idades académicas, seria importante ajustar os currículos no que diz respeito ao desenvolvimento da criança, permitindo aos alunos explorar o modo como querem aprender e, igualmente importante, integrar no currículo a "disciplina" de inteligência emocional, na qual o aluno aprenderia a conhecer-se, a sentir-se, a tomar consciência de si e a explorar os seus valores. Para isso, seria importante a presença de um facilitador de aprendizagem que tivesse um Olhar íntegro da criança/ jovem, sem julgamentos.

DESPORTO
POR FLÁVIO MEIRELES

Que saibamos aproveitar o desporto naquilo que o setor consegue como nenhum outro: unir os povos, estreitar as diferenças e promover a igualdade de oportunidades. Paralelamente, que consigamos, e no futebol em particular, aproveitar o ano de 2023 para cimentarmos pontes e sinergias entre os diferentes Clubes, tornando possível a regeneração e pacificação do futebol português, onde os atletas sejam, definitivamente, os únicos protagonistas. E que aproveitemos cada dia para valorizarmos e promovermos o desporto, respeitando aquilo que é o esforço de cada atleta para atingir o sucesso. Espero, igualmente, que seja mais um ano inspirador para Portugal e para os desportistas portugueses, mais um ano em que voltemos a escrever história nas diferentes modalidades e competições.

SAÚDE
POR VICTOR MANUEL SANFINS

Muitos dos problemas do SNS pouco mudaram ao longo dos últimos 30 anos, em que vi passar sete Primeiros-Ministros e catorze Ministros da Saúde. Entre eles destaco:
A enorme afluência aos Serviços de Urgência (SU), a porta sempre aberta para os doentes que a ela ocorrem, quando não tem outra alternativa para resolver um problema de saúde (agudo ou crónico). Os SU deveriam poder dedicar-se exclusivamente à sua função: a assistência em situações de doença aguda grave ou crítica.
Apesar de se ter multiplicado por dez o nº de médicos que anualmente se formam, parece que nunca faltaram tantos no SNS. A degradação das carreiras médicas, a degradação dos salários, a falta de projectos, no SNS, que sejam aliciantes para os jovens médicos, e o crescimento desmesurado da burocracia são os exemplos mais evidentes do que tem vindo a acontecer.
A perda de autonomia das Administrações Hospitalares tem-se vindo a acentuar, com particular impacto em áreas cruciais. Não deixa de ser surpreendente que os defensores do modelo PPP nunca expliquem porque não podem os gestores do SNS ter o mesmo grau de autonomia dos gestores PPP.
A nossa capacidade terapêutica e a acessibilidade dos doentes a tratamentos mais modernos em cada vez mais hospitais tem sido um dos aspetos mais positivos destes 30 anos. Para 2023 fica a expectativa de que não se perca esta capacidade de evoluir e de, assim, se colocar o doente no "centro" da acção do SNS.

FUTEBOL À LUPA

O MUNDO DOS AGENTES

TEXTO: VASCO ANDRÉ RODRIGUES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

UM NOVO PARADIGMA LEGISLATIVO

O fim do ano de 2021 trouxe uma reformulação no mundo dos intermediários desportivos no sentido de restringir-lhes os proventos que vão auferindo nas relações contratuais que ajudam a estabelecer entre clubes e jogadores.

Antes de mais, importará definir a extensão do conceito de intermediário que poderá ser entendido como a pessoa que servirá de ponte entre clubes e jogadores, actuando para tornar os negócios transparentes, evitando conflitos de interesses.

Para isso, deverá agir de um modo independente, recebendo pelo seu trabalho uma comissão pela obtenção do acordo entre as partes envolvidas: treinadores, jogadores e clubes. Deverá, por isso, actuar com lealdade, transparência, honestidade, probidade, boa-fé, seguindo as directrizes das federações nacionais e da FIFA, bem como informar os seus representados sobre eventuais negociações em andamento, prestando todos os esclarecimentos tidos como necessários sobre as cláuslas contratuais estabelecidas.

Assim, esse diploma, que entrou em vigor no passado mês de Novembro, alicerçados nestes pressupostos teóricos, terá como função restringir as comissões máximas a pagar aos agentes de jogadores bem como a proibição da dupla representação quando este representava o jogador e um clube fosse ele comprador ou vendedor.

A CÂMARA DE COMPENSAÇÃO DA FIFA – UM NOVO INSTRUMENTO

Além disso, pretenderá que a taxa máxima de comissão numa transferência passe a ser de 3%, caso o intermediário represente o clube comprador ou o jogador, ou de 10%, se atuar em nome do clube vendedor, perfazendo quantias que serão liquidadas pela nova Câmara de Compensação da FIFA.

Através deste novo organismo pretende-se mudar a forma como as transferências serão conduzidas. Além de oferecer um processo centralizado e automatizar os negócios entre os clubes, a Câmara de Compensação garantirá que todo o dinheiro envolvido nas negociações seja mantido dentro do desporto. Além disso, este novo instrumento deverá concentrar-se no pagamento aos clubes formadores seja pela indemnização de formação ou pelo mecanismo de solidariedade.

Quanto ao facto de ser fixado uma limitação nos ganhos, deixando de ser uma mera recomendação, tal deve-se à consideração que os agentes estão a lucrar uma quantia excessiva nas transferências, até mais do que os próprios clubes que recebem valores pela formação dos seus atletas.

A justificar estas medidas, a confederação que regula o futebol a nível mundial defendeu que " determinados valores são muitas vezes pagos com base em taxas fixas e pelo clube envolvido", o que significará que a "não fixação de um limite máximo para as taxas fixas permite práticas abusivas e excessivas" nas negociações.

MUITO AINDA A MUDAR...

Porém, tais propósitos, para já, pelo menos, não terão tido o êxito pretendido. Bastará analisar o relatório produzido pela FIFA, denominado de "Intermediários nas transferências internacionais 2022 – Futebol profissional masculino e feminino". Neste fornece-se uma análise detalhada da actividade intermediária no contexto das transferências internacionais de jogadores.

Refira-se que num negócio deste tipo existem três partes envolvidas que poderão exigir a ajuda de um intermediário: o clube de compra, o clube de venda e o jogador envolvido no negócio. Assim, em 2022, os intermediários estiveram envolvidos em 4.139 transferências internacionais, mais de 20 por cento do total que se efectuaram.

POR FIM...E QUANTO A FIFA EMBOLSARÁ?

Por fim, o que a Confederação de futebol mundial receberá com a grande prova.

Assim, a FIFA, para além de esperar encerrar o quadriénio referente a 2019-2022 com receitas que totalizam 6,4 mil milhões de dólares, conta que desta quantia, 4,6 mil milhões serão impulsionados pelo Campeonato do Mundo. Em particular, os direitos televisivos da prova valerão 2,6 mil milhões de dólares (cerca de 56%), enquanto que 1,3 mil milhões (29%) virão de patrocinadores e marketing e mais 500 milhões de dólares de bilhetes e hospitalidade.

Ao invés, os custos serão "reduzidos". De facto, a FIFA planeia investir apenas 1,7 mil milhões de dólares, incluindo 440 milhões de dólares como prémios para as equipas nacionais e 209 milhões de dólares que serão pagos aos clubes que deram jogadores às equipas líderes no Qatar. Quanto aos prémios, cada federação receberá 10,5 milhões de dólares mesmo que sejam eliminados na fase de grupos, então, de acordo com os resultados, o número poderá aumentar: se forem eliminados nos oitavos-de-final receberão 14,5 milhões de dólares, nos quartos-de-final receberão 18,5 milhões de dólares, e finalmente 43,5 milhões de dólares para aqueles que levantarem o troféu.

MONTANTES DE ANTES DA PANDEMIA...

Tal levou a que os montantes que findo o ano de 2022 chegassem a valores praticados antes da pandemia, tendo sido gastos mais de 623 milhões de dólares, 24,3% acima das quantias pagas em 2021.

Além disso, os valores pagos pelos clubes vendedores foram os mais elevados de sempre, a ultrapassarem os 450 milhões da moeda americana. Quanto ao lado do comprador também foi batido o record no que tange ao recurso a agentes. Foram cerca de 1.532 negócios nestes moldes, representado 7,6% do total, um aumento em relação a 2021 de 22,4%.

Quanto ao primeiro lugar do ranking no recurso a agentes nas transacções internacionais, este pertence ao futebol inglês com 45,5% destes actos a necessitarem de recurso de terceiros, seguindo-se a Itália com 37,6%.

A Itália, por outro lado, ocupa o primeiro lugar quando se trata de vender um jogador e a percentagem de transacções nas mãos de um intermediário sobe para 21,4%, à frente dos 21% da Sérvia, que ocupa o segundo lugar.

A maior fatia é paga pelos clubes da UEFA, 599,3 milhões, 96,2% do total. De facto, os clubes de Inglaterra, Itália, Portugal, Espanha, Alemanha e França representam 80,9% do total mundial.

Especificamente, em Inglaterra, 203,2 milhões são atribuídos a comissões. A Itália segue-se com 88,5 milhões. Um abismo entre o primeiro e o segundo que reflecte como existem operações com números completamente diferentes na Premier League em comparação com qualquer outra parte da Europa e do Mundo.

A seguir vem Portugal (65,8 milhões) no último posto do pódio, Espanha (60,4 milhões), Alemanha (56,1 milhões) e, mais distante, a França com 30 milhões para comissões. Refira-se que os gastos de intermediação no nosso país, aumentaram quase 10%, visto em igual período no ano passado ter-se cingido aos 60 milhões de euros.

Finalmente, a percentagem de jogadores representados por intermediários aumentou ligeiramente. No total, há 3.086 operações concluídas com um intermediário para o jogador, nunca tantas, mas é 15,3% do total, em comparação com 14,5 em 2021.

FALEMOS DE PORTUGAL E DO VITÓRIA

Voltando, agora, a Portugal importará referir que os agentes têm desempenhado um relevante papel no futebol português. Bastará, pois, analisar os dados vertidos nos órgãos de comunicação social. Assim, nos doze meses compreendidos entre Abril de 2019 e Março de 2020, antes da pandemia eclodir, foram gastos pelos cinco clubes mais importantes do futebol português: os três mais titulados e os rivais Vitória SC e SC Braga foram pagos cerca de 80 milhões de euros, ascendendo na totalidade de todos os emblemas nacionais a 83 milhões de euros.

Tratou-se, pois, de um record que fez com que nesse período o nosso país fosse o que mais pagou a agentes, ainda que o ano que findou se tenha aproximado desses valores como já vimos, tendo o mercado apresentado uma retoma de 10% após o flagelo da pandemia que abalou todos os negócios.

Centremo-nos, agora, exclusivamente, no Vitória.

Assim, os Conquistadores no último período que há conhecimento e que compreende o espaço temporal entre 1 de Abril de 2021 a 31 de Março de 2022 pagaram, apenas, 125 mil euros a intermediários, uma quantia deveras inferior à que foi paga no mesmo período referente a 2020 e 2021 em que foi necessário gastar cerca de 2,3 milhões de euros no que tange a estas obrigações de representação, menos ainda assim que os 3,6 milhões que foram pagos entre 2019 e 2020. Não obstante isso, o período em que o clube vitoriano mais teve de despender foi no período referente a 1 de Abril de 2017 e 31 de Março de 2018 quando foram gastos 4 milhões e 130 mil euros em pagamentos a agentes.

Dr. Rui Vaz
Médico desportivo

Artigo de opinião

BANDAS FILARMÓNICAS

As Bandas Filarmónicas são uma parte importante no panorama musical, cultural e etnográfico do país. Estas instituições proporcionam às populações um denso leque de conhecimentos culturais e musicais, além de estimularem as relações sociais entre os seus membros.

No nosso Concelho atualmente perduram três: a Banda Musical de Caldas das Taipas, a Banda Filarmónica de Moreira de Cónegos e a Sociedade Musical de Pevidém.

A Banda Musical de Caldas das Taipas tem a sua génese no longínquo ano de 1834. Durante o seu percurso foi conquistando prestigiados concursos que a levaram a um patamar de excelência no panorama nacional. A Filarmónica de Moreira de Cónegos nasceu em 2015 sob a batuta do maestro Paulo Silva. A Banda da Sociedade Musical de Pevidém foi fundada em 1894 e nesse mesmo ano o senhor Manuel Martins Coelho Lima foi nomeado maestro dos 16 músicos fundadores. Sofreu ao longo dos anos um crescimento significativo, e já no ano de 1981 foi inaugurada a nova sede da Banda. Em 1994, no seu 1º Centenário, foi distinguida pela Câmara Municipal de Guimarães com a medalha de Ouro de Mérito Associativo e é desde 2009 instituição de Utilidade Publica, "pelos relevantes serviços prestados à comunidade do fomentar a cultura através da Escola de Música, da Orquestra Juvenil e da Banda Musical, contribuindo com tudo isto, para a elevação intelectual e artística dos seus sócios e da população em geral". Durante o seu percurso foi conquistando prestigiados concursos que a levaram a um patamar de excelência no panorama nacional. Neste momento a sua direção artística está entregue ao Professor Vasco Faria.

As Bandas Filarmónicas são o "berço" de muitos músicos das nossas orquestras que elevam a música ao seu patamar de excelência. Existem na Confederação Musical Portuguesa registadas cerca de 750 bandas filarmónicas, sendo possível existirem mais dispersas pelo país.

Perceber que estes executantes que crescem no meio da música, adquirem um sentimento de pertença traduzindo um sentimento de unidade. São espaços de socialização nos meios rurais, e inclusão dos mais jovens num projeto comunitário, em prol da sua terra.

Através da lei 123/99, de 20 de agosto, regulamentada pelo DL 128/2001 que "define as regras através da quais o Governo apoiará anualmente as bandas de música" (Lei 123/99 de 20 de agosto) e o legitimo reconhecimento estatal do trabalho realizado pelas filarmónicas, concretizou-se em 2013 com a seguinte resolução do conselho de ministros: "Predominantemente de raiz popular e profundamente embebidas nas comunidades, são ainda muitas vezes o recurso para a aprendizagem da música para muitos jovens portugueses, em especial nas zonas mais afastadas dos centros urbanos" (Conselho de Ministros nº53/2013) e ainda "Para além do seu papel na preservação, divulgação e formação musical, as filarmónicas podem também ser facilmente apercebidas como centros de socialização locais e inter-relacionais, constituindo um capital social valioso, com substancial impacte e influência na vida da comunidade, através da agregação de valores sociais e culturais de inclusão, e da construção de identidade e coesão territorial." (Conselho de Ministros nº53/2013).

Ficou instituído desde então o dia 1 de setembro como o "Dia Nacional das Bandas Filarmónicas" como uma justa homenagem a todas as instituições que diariamente fazem perdurar uma riqueza secular que pertence à nossa cultura musical e etnográfica.

PUB

Arcol Cash & Carry

puríssimo
a marca do consumidor exigente

GUIMARÃES
SANTA MARIA DA FEIRA
LISBOA
FARO

www.arcol.pt

QUIZ

1 – QUANTOS ANOS DE CARREIRA CELEBRA JORGE PALMA?
a) 30 b) 50 c) 15 d) 47

2 – QUAL O MAIS RECENTE LIVRO DE MARIA JOÃO AVILLEZ?
a) Soares b) Francisco - O Caminho c) Do Fundo da Revolução

3 – QUANDO ACONTECE O RALI DE PORTUGAL ?
a) 11 a 14 de maio
b) 25 e 26 de janeiro
c) 2 de outubro
d) 8 a 10 de agosto

4 – ONDE É QUE SURGIU A BRISA MARACUJÁ?
a) Porto
b) Castelo Branco
c) Vila Real
d) Madeira

5 – DE ACORDO COM A BILLBOARD, QUAL FOI A MÚSICA MAIS TOCADA EM 2022?
a) "Heat Waves", Glass Animals
b) "As It Was", Harry Styles
c) "Shivers", Ed Sheeran
d) "Ghost", Justin Biebe

Soluções quiz: 1 –b); 2 – b); 3 – a); 4 –b); 5 – a)

HÁ DEZ ANOS A DAR SINAL + A GUIMARÃES!

FOTOGRAFIA: JOANA MENESES

10 ANOS

MAISGUIMARAES
COMUNICAÇÃO SOCIAL